

KEN WILBER

O GÊNIO DESCARTES LEVA UMA
SURRA PÓS-MODERNA

Tradução de Ari Raynsford (www.ariraynsford.com.br)

Revisão de Darcy Brega

[Nota: por favor, leia “A Desconstrução do World Trade Center”, publicado no site www.ariraynsford.com.br, ou este texto não fará muito sentido. Obrigado, Ken]

Depois de sua aula na terça-feira, Lesa Powell ficou por mais uma hora ou duas para conversar com estudantes interessados sobre René Descartes que, segundo ela, foi o primeiro grande filósofo moderno (laranja)¹ e, portanto, o principal bode expiatório dos pós-modernistas verdes. Kim insistiu para que eu ficasse, mas não entendi por quê.

“Isso o ajudará a entender essa idiótica Inteligência Artificial com a qual você está envolvido.”

“Sério?”

“Sério. O dualismo cartesiano é o principal pecado da modernidade, você não sabia disso?” Ela começou a rir, como se isso fosse algum tipo de piada para iniciados. “E você não quer viver em pecado, não é? O que você, Wilber, andou fazendo nesses seus 20 anos de idade? E já vivendo em pecado.”

Nesse ponto, Powell ouviu Kim e interveio: “Essa jovem – Kim, não é? – está tirando sarro da cara de vocês, pessoal. O dualismo cartesiano é, na verdade, o começo de um brilhante e profundo Vedanta para o Ocidente, uma colossal conquista vista por alguns gênios como Moshe Kroy, mas, infelizmente, um fato completamente – e eu enfatizo o completamente – perdido pelos lunáticos cretinos do pós-modernismo. Vocês estão interessados em saber por quê?” E Lesa deu sua gargalhada fácil, dentes brancos sobre pele negra nas luzes suaves e cintilantes do palco.

Eu pensei: que diabos, eu também preciso ouvir isso? Minha mente já tem tantas estrias, para que mais algumas contusões no meu córtex, feridas no meu cérebro? Não é algo de que eu realmente necessite.

Woody Allen: “O cérebro – esse é o meu segundo órgão favorito.”

“Não fique tão aflito, Wilber”, Kim sorriu.

Lesá: “Vocês têm ouvido o constante refrão do Centro Integral: este ou aquele teorizador está ‘meio certo, meio errado’. E vocês sabem por que dizemos isso com tanta frequência: é porque nenhuma mente – e, portanto, nenhum teorizador – é capaz de produzir apenas inverdades. Como Joan graceja: ‘ninguém é suficientemente inteligente para estar errado o tempo todo’. Isto significa que cada visão ou perspectiva filosófica *encerra algum tipo de verdade* e nosso trabalho é reunir todas as verdades parciais em uma maravilhosa tapeçaria de possibilidades humanas, e não escolher uma verdade parcial e defendê-la até a morte contra todas as outras.

“Bem, isso vale em dobro para o pobre Descartes. É claro que ele cometeu alguns erros e a maioria deles é perfeitamente óbvia para nós hoje; mas seus acertos foram profundos – absolutamente,

¹ Para entender a escala de cores dos níveis de consciência que será usada neste texto, ver Apêndice. (N.T.)

surpreendentemente, maravilhosamente profundos. E qualquer tipo de abraço verdadeiramente integral não seria integral sem as importantes, embora parciais, verdades do Cartesianismo.

“Há quase três décadas, uma pessoa que acabaria se tornando cofundadora do Centro Integral² escreveu um ensaio chamado ‘Em Defesa de Descartes’, que começava assim: ‘tornou-se uma estupidez em moda ancinhar Descartes sobre as brasas, em geral por todas as razões erradas’. Três décadas atrás: isso foi logo no início da invasão pós-moderna, a ascensão do meme verde e do tsunami do Meme Verde Mau. Escusado dizer que a estupidez em moda aumentou, tornando-se o primeiro – e sem dúvida o mais influente – fundamento da *boomerite*³ acadêmica. Garanto-lhes que, quando ouvem um ataque ao dualismo cartesiano, vocês estão recebendo uma beijoca no rosto de um desagradável caso de *boomerite*.”

“Viu, Wilber, isso vai ser divertido.”

“Prefiro comer comida de avião.”

Les Powell sorriu docemente. “Então vamos começar pelo aspecto talvez mais surpreendente do trabalho de Descartes e depois sugerir alguns caminhos pelos quais ele pode ter se desviado. Começemos pelo *cogito*. Isto é, ‘*cogito, ergo sum*’, geralmente traduzido como ‘penso, logo existo’. Mas essa tradução perde o imediatismo da intuição que estimulou Descartes. Estudiosos como Kroy e Bonnett ressaltaram que essa frase concisa significa de fato ‘consciência, logo ser’.]

“Em outras palavras – e essa foi a essência da famosa dúvida cartesiana – há muitas coisas de que eu posso duvidar, *mas não consigo duvidar, plausivelmente, da minha própria consciência neste momento*. Minha consciência *É*, e mesmo que eu tentasse duvidar dela, seria a minha consciência que duvidaria. Eu posso imaginar que meus sentidos estão sendo apresentados a uma falsa realidade – digamos, uma realidade completamente virtual ou realidade digital, que parece real, mas é uma mera série de imagens extremamente realistas. Ainda assim, não consigo duvidar da consciência que está observando.

“Da mesma forma, posso imaginar que minha consciência é gerada por um complexo mecanismo cerebral de neurotransmissores, sinapses e afins, de modo que minha consciência é um simples subproduto, um epifenômeno – mas isto é meramente uma dedução racional, e mesmo essa dedução é conhecida apenas na minha consciência imediata. Isto não nega que o cérebro esteja envolvido na consciência; simplesmente indica que, a menos que a realidade imediata da minha própria consciência presente seja incluída na equação, eu estaria deixando escapar uma realidade de que, no final das contas, não posso duvidar razoavelmente.

“Consciência, logo ser. A própria incontestabilidade da minha conscientização presente, a indiscutibilidade da minha consciência, imediatamente me proporciona uma certeza de existir neste

² Referência ao próprio Ken Wilber. (N.T.)

³ *Boomerite* é uma palavra cunhada por Wilber para designar a “doença” que atacou primeiramente os *Boomers* (geração nascida após a 2ª guerra mundial, quando ocorreu o *baby boom*). *Boomerite* é caracterizada por ideais bastante elevados infectados por um narcisismo exacerbado. (N.T.)

momento, uma certeza de Ser no agora deste momento. Eu não consigo duvidar da consciência e de Ser neste momento, pois isto é o fundamento de todo o conhecimento, de tudo que é visto, de tudo que existe. Esse, claro, é exatamente o caminho que foi seguido pelo Vedanta, pelo Vajrayana, pelos Neoplatônicos e por muitas outras grandes tradições de sabedoria. É o caminho do EU SOU, e diz-se que essa maravilhosa qualidade de SER abre diretamente para, ou mesmo diretamente é, nada mais do que o Espírito puro, o Deus/Deusa radiante, o Atman que é Brahman, intemporal e eternamente – uma equação suprema segredada pelo fato de que você não pode duvidar da Imediatidade do seu próprio Agora. Consciência, logo Ser. E Ser é Deus no estado de EU SOU.

“Quem sou eu? Faça essa pergunta repetidamente, profundamente. Quem sou eu? O que existe em mim que está consciente de tudo? Essa autoinvestigação foi usada por Sri Ramana Maharshi para perceber o Eu, o Eu que é uno com o Kosmos inteiro em todo o seu esplendor radiante. Em outras palavras, Sri Ramana Maharshi usou a dúvida cartesiana para dirigir-se ao coração de Atman que é Brahman – embora, claro, a técnica tenha séculos de idade. Descartes não a inventou, ele meramente a redescobriu. No ardente desejo de Descartes de saber ‘O que é, em última instância, verdadeiro?’, ‘O que é tão verdadeiro a ponto de *nunca se poder duvidar?*’, ele voltou sua atenção para dentro com uma feroz e impressionante dedicação à Verdade de forma que, afinal, ele foi levado – como toda autoinvestigação sincera e prolongada leva – diretamente ao Eu que é a Testemunha de todos os mundos, um Eu de que nunca se duvidar crivelmente porque ele é *sempre já* presente. Consciência É Ser, até mesmo aqui e agora.

“Quão semelhante é a dúvida cartesiana quando comparada ao Caminho do Despertar das grandes tradições de sabedoria? Aqui está apenas um exemplo, do Budismo Dzogchen, geralmente considerado o mais elevado dos ensinamentos do Buda. Este é tirado da ‘Mente Autolibertada’ do grande Patrul Rinpoche:

“Às vezes acontece de alguns meditadores dizerem que é difícil reconhecer a natureza da mente (notem: no Dzogchen, ‘a natureza da mente’ significa a realidade última da pura Vacuidade ou Espírito primordial). Alguns praticantes acreditam ser impossível reconhecer a natureza da mente. Eles sentem-se abatidos com lágrimas escorrendo pelo rosto. Não há motivo para ficar triste. Não é de todo impossível reconhecê-la. *Repouse diretamente naquilo que pensa que é impossível reconhecer a natureza da mente, e isto é exatamente ela.*”

Lesla Powell olhou para a plateia. “Em outras palavras, se vocês pensam que conhecem o Espírito, ou pensam que não O conhecem, o Espírito é, na verdade, aquilo que está pensando esses dois pensamentos. Assim, vocês podem duvidar dos objetos da consciência, mas nunca conseguem duvidar de quem está duvidando, nunca realmente duvidam da Testemunha de toda a exposição. Portanto, repousem na Testemunha, seja pensando que conhecem Deus ou não, e esse testemunho, essa inegável imediatidade da consciência do agora, é, em si mesma, Deus, Espírito, Mente de Buda. A certeza está na pura Consciência autopercebida na qual os objetos surgem, não nos próprios objetos. Vocês nunca, nunca, *nunca* verão Deus, porque Deus é o Observador, não qualquer objeto finito, mortal e limitado que possa ser visto! (Consciência, logo Ser – não: objetos da Consciência, logo Ser.)

“Desse modo, este puro estado EU SOU não é difícil de ser alcançado, mas é impossível de ser evitado, porque está sempre presente e nunca pode ser *realmente* posto em dúvida. Não é difícil encontrar o Espírito, mas é impossível evitá-lo: ele está olhando para esta página agora. Por que vocês continuam procurando por Deus quando Deus é, na verdade, o Observador?”

“Portanto, simplesmente repousem na Testemunha sempre presente. Como Patrul também diz: ‘Há alguns meditadores que não deixam a mente repousar em si mesma ou na imediatidade básica, como deveriam. Em vez disso, eles deixam que ela observe exteriormente ou busque interiormente. Vocês não verão nem encontrarão a mente olhando para fora ou procurando dentro (pois ela é o Observador, não o observado!). Não há nenhuma razão para observar externamente ou procurar internamente. Repousemos diretamente nessa mente que está observando externamente ou buscando internamente, e é *exatamente* isso.’

“Muito bem, tudo isso é bom Cartesianismo – embora, mais uma vez, Descartes não tenha inventado nada disso; ele apenas o redescobriu em seu próprio EU SOU. Esse caminho de autoinvestigação – e a Grande Libertação que é secretada no sempre presente estado de EU SOU – remonta há, pelo menos, 2.000 anos (embora as tradições afirmem, de forma não totalmente convincente, que ele data de dezenas de milhares de anos ou mais). Nós o encontramos em Platão e no Neoplatonismo (e, portanto, em praticamente todas as escolas místicas do Ocidente), onde aparece como um Despertar básico presente até mesmo no sono; é claramente anunciado na Índia, nos *Upanishads*, onde Atman, que é Brahman, é o portal de entrada para a Iluminação; nós o encontramos no Budismo Ch’an (Zen) (quando confrontado por aqueles que pensavam que o atingimento do Nirvana dependia de orações e cânticos, o Zen questionava: ‘QUEM é esse que canta o nome do Buda?’); nós o encontramos nos grandes místicos cristãos, como Boécio, que em sua grande angústia clamou para *Philosophia*, que gentilmente sussurrava em seu ouvido: ‘você se esqueceu de quem é’. Porque você é... o próprio Espírito, mesmo quando pensa que nunca poderá encontrá-lo.

“No começo do mundo moderno – isto é, entre o Renascimento e o Iluminismo – Descartes olhou para a própria mente e encontrou o Observador. A partir de Descartes, essa realização do EU SOU espalhou-se pela filosofia ocidental moderna. Quando Husserl explica que o mundo poderia acabar e isso não afetaria o Eu puro, ou quando ele descreve a diferença entre o eu testemunha e o eu empírico (por exemplo, no capítulo 15 das *Meditações Cartesianas*), ou quando Fichte descreve o puro Eu Observador como sendo um Espírito *infinito* e *supraindividual* – isto é Vedanta ocidental no seu melhor. Em graus variados, nós o encontramos em Kant, Spinoza, Schelling, Schopenhauer, Sartre, Heidegger... ah, é uma longa lista!

“E eu estou me adiantando na história!” Powell riu, mudou de posição, sentando no palco, e continuou. “Vários estudiosos sugeriram que o importante *satori* de Descartes ocorreu em um estado alterado de consciência quando ele subiu em um velho fogão e enroscou-se todo. Comenta-se que ele falou algo como: ‘quando voltei a mim, toda a minha filosofia estava formada’.

“Bem, o que sabemos é que Descartes, muito provavelmente, teve uma experiência de pico do domínio causal. Uma experiência de pico do Eu puro, da Testemunha informe, da Consciência prístina de que não se pode duvidar de forma convincente, porque é a essência de todo Ser e de toda dúvida. Uma experiência de pico de Atman, uma experiência de pico do sempre presente EU SOU:

não é de admirar que Descartes tenha sido o primeiro grande filósofo moderno, pois foi impulsionado por esse combustível!

“Mas – e isto é crucial – também temos boas razões para acreditar que o desenvolvimento frontal de Descartes – ou seja, seu centro de gravidade médio – encontrava-se no meme laranja (afinal de contas, estávamos no começo da modernidade). E, portanto, Descartes fez o que a psicologia integral prevê que ele faria: *interpretou seu estado alterado ou experiência de pico do domínio causal em termos do meme laranja*. E é aí que começa o problema.

“Não podemos encontrar evidências de que Descartes tenha se desenvolvido *permanentemente* até o domínio causal – o Causal foi, portanto, apenas um estado passageiro, não uma característica permanente. Lembrem-se de que a psicologia integral sustenta que uma pessoa em praticamente qualquer nível de desenvolvimento (bebê, criança, adulto – púrpura, vermelho, azul, laranja, verde, amarelo, etc.) pode vivenciar um estado alterado ou experiência de pico de qualquer dos principais estados de consciência – denso, sutil, causal, não dual (correspondentes a vigília, sonho, sono profundo e não dual). Mas a pessoa tenderá a *interpretar* esse *estado* alterado nos termos do seu atual *nível* geral de desenvolvimento. E parece ser exatamente isso que aconteceu com Descartes: ele experienciou um profundo estado alterado do domínio causal e, em seguida, interpretou-o nos termos gerais do meme laranja – em poucas palavras, eis aí a dignidade e o desastre da visão de mundo cartesiana.

“Descartes não se desenvolveu de forma permanente até o estado causal; ele desenvolveu-se permanentemente mais ou menos até onda racional egoica, o meme laranja. Mas mesmo essa parte – seu abraço da onda laranja – foi um aspecto de seu brilhantismo evolucionário e de sua genialidade no desenvolvimento. Descartes foi de fato o primeiro grande filósofo moderno, porque ele foi o primeiro filósofo a identificar-se com a visão de mundo da onda laranja e, portanto, começou a fazer perguntas *no âmbito* dessa visão de mundo. A maioria (não todos) dos filósofos pré-modernos da Europa ainda faziam perguntas a partir da visão de mundo da associação mítica, o meme azul. Mas em uma explosão de brilhantismo desenvolvimentista raramente vista na história, René Descartes rompeu a mentalidade de rebanho do azul e começou a perguntar, e a responder, questões laranja. Quer dizer, isso foi... absolutamente incrível.” Lesa Powell fez uma pausa, sorriu e olhou por cima do ombro, sonhadamente, por bastante tempo.

“Muito bem. Neste ponto, temos de assumir uma visão de quatro quadrantes para ter uma noção do que aconteceu com essas duas verdades básicas – e sua estranha mistura – que Descartes possuía: ou seja, (1) uma experiência de pico do puro EU SOU, uma experiência de pico da Consciência causal que é o Ser inegável, inqualificável, uma experiência de pico que (2) foi interpretada pelo meme laranja, ou pela visão de mundo racional-egoica, à medida que ela rompeu a visão de mundo da associação mítica azul. Algumas notícias muito boas e algumas notícias muito ruins aguardavam os resultados finais. E os críticos, neste ponto, não estão totalmente errados em alguns de seus pronunciamentos pontificais pós-modernos.” Powell sorriu, olhou para nós com um brilho que indicava coisas por vir.

“Em outras palavras, queremos fazer uma *historiografia integral* de Descartes: todos os quadrantes, todos níveis, todas as linhas, todos os estados.⁴ Eu não farei um ‘historiográfico’ completo agora, mas mencionarei alguns itens importantes. Acabamos de dar um breve resumo sobre os ‘estados e níveis’ característicos da filosofia inovadora de Descartes: a saber, um *estado* causal temporário interpretado pelo *nível* laranja (e, eu acrescentaria, especificamente na linha cognitiva). Portanto, o que se segue é um breve resumo dos aspectos dos *níveis* (laranja), das *linhas* (cognitiva) e dos *estados* (causal) do historiográfico integral do nosso amigo René.

“Quanto aos *quadrantes* – bem, nós nos referimos apenas ao Quadrante Superior Esquerdo (QSE) e demos um breve resumo de seu psicográfico integral do melhor modo que conseguimos perceber hoje. Mas, e quanto aos profundamente importantes quadrantes coletivos? No Quadrante Inferior Direito (QID) – que, de algumas formas, é o mais relevante historicamente, porque é o motor material-social que tanto impulsiona grande parte da atividade humana, um *insight* encontrado em Marx – notamos, acima de tudo, que o sistema social estava se aproximando rapidamente da revolução industrial. Ora, Descartes não viveu totalmente na era industrial. Ele escreveu seus *Ensaio*s em 1637; o inglês Thomas Newcomen inventou a máquina a vapor em 1705 e James Watt a aperfeiçoou em 1769. *Mas todas as forças dos quatro quadrantes que, afinal, deram origem à Era Industrial estavam começando a borbulhar na superfície.* E o genial Descartes conseguiu sentir o aroma de uma revolução vindoura. Ou se vocês abraçam o pós-estruturalismo pós-moderno e desprezam todas as coisas modernas, dirão que Descartes foi o primeiro canário a cair morto no futuro desastre nas profundezas da mina.

“O ponto é que Descartes estava realmente surfando a onda laranja emergente, tanto para o bem quanto para o mal. Juntando tudo isso em um historiográfico integral (ainda que abreviado):

“No QID, descobrimos – em retrospecto empírico via uma ciência reconstrutiva, e não por um determinismo *a priori* (hegeliano ou platônico) – que essa emergência envolveu uma variedade de sistemas sociais baseados no modo tecnoeconômico de industrialização; no Quadrante Inferior Esquerdo (QIE), surgiu uma variedade de visões de mundo culturais que envolveram, de uma forma ou de outra, um desdobramento pós-convencional, mundicêntrico, racional-egoico do universo (visões de mundo pós-convencionais que, entre outras coisas, estenderam os direitos de ação a todos os seres humanos, resultando, no final das contas, em tudo desde o feminismo até a abolição da escravidão em todas as nações industrializadas do mundo); no QSE, um centro de gravidade psicológico que mudou de azul para laranja (pelo menos na elite cultural), libertando a razão de seu confinamento ao mito etnocêntrico; e no Quadrante Superior Direito (QSD), uma série de comportamentos focados no indivíduo e em sua liberdade de ação sob leis institucionalizadas.

“Um outro importante ponto precisa ser mencionado. O surgimento da modernidade – ou da visão de mundo egoico-racional, ou da era da razão perspectiva de Gebser, ou da emergência de uma identidade de ego a partir de uma identidade de papel de Habermas – em suma, a ascensão do laranja como uma estrutura social significativa e muitas vezes governante que suplantou as estruturas azuis medievais de associação mítica – essa emergência também envolveu a vitalmente importante diferenciação dos Três Grandes – isto é, a diferenciação entre arte, moral e ciência; ou o *Eu*, o *Nós* e o *Isto*; ou o belo, o bom e o verdadeiro. Essa diferenciação – que é comum na mudança cognitiva

⁴ Ver “Quem Comeu o Capitão Cook? Historiografia Integral em uma Era Pós-moderna” em www.ariraynsford.com.br. (N.T.)

geral do *opcon* [operacional concreto] para o *opform* [operacional formal] – foi uma característica central do historiográfico europeu ao longo de grande parte dos anos 1700. E essa diferenciação, como muitos estudiosos desde Weber a Habermas sugeriram, foi de fato a base das grandes dignidades que a modernidade trouxe: a democracia pôde suplantar a monarquia, a ciência pôde desafiar o mito, o igualitarismo iria corroer a aristocracia, a liberdade lutaria contra a escravidão – os efeitos incrivelmente positivos do Iluminismo estavam prestes a baixar no mundo com resultados revolucionários.

“No entanto, por várias razões que alguns dos meus colegas discutiram (ver, por exemplo, o livro *Sexo, Ecologia, Espiritualidade* de Ken Wilber), o surgimento da modernidade marcou não apenas a *diferenciação* das esferas de valor da arte, da moral e da ciência – que foi a grande *dignidade* da modernidade – mas também a *dissociação* dessas esferas – que foi o grande *desastre*. A combinação de uma tendência para um racionalismo operante que permeou a cultura no QIE (uma visão de mundo ‘excessivamente’ laranja, uma valorização da ciência sobre a moral e a arte); uma dissociação pessoal generalizada entre razão e sentimento no QSE (provavelmente devida não a alguma patologia, mas a um simples entusiasmo adolescente); e uma desenfreada industrialização no QID (que enfatizou maciçamente estruturas intencional-rationais e um materialismo pandêmico de *Istos*) gerou uma coisa estranha: *o domínio Isto começou a preponderar agressivamente sobre os domínios Eu e Nós* – o que Habermas chama de ‘a colonização da arte e da moral pela ciência’. O famoso ‘desencantamento do mundo’ estava prestes a começar. Dito sem rodeios, os Quadrantes do Lado Direito simplesmente enganaram o Lado Esquerdo.

“Assim, houve as boas notícias e as más notícias da modernidade. No lado das boas notícias: a modernidade marcou o surgimento do laranja pós-convencional mundicêntrico a partir do azul convencional etnocêntrico, uma revolução que, entre tantas outras coisas benéficas, traria a ascensão das democracias representativas em todo o mundo, o fim da escravidão, o nascimento do feminismo, os progressos da medicina, física e ciências ecológicas modernas. E como em todas as outras emergências de uma grande onda de desenvolvimento, houve as desvantagens, os elementos de sombra, más notícias, principalmente o predomínio do materialismo científico e de uma ontologia industrial que pregava: *somente ‘istos’ são reais*. As dimensões interiores da consciência, valores, significados e intencionalidade na verdade não são reais – o *Eu* e o *Nós*, arte e moral, introspecção e intuição, consciência e espírito – todos eles nada mais são que *Istos* materiais, barro vivaz, ilusões levantadas pela poeira à medida que perambula pelo Kosmos solitário – pois apenas a matéria é real.

“Bem-vindos à visão de mundo conhecida por *flatland*⁵. Como muitos de vocês sabem, existem duas versões principais de *flatland*: a *atomística*, que acredita que apenas o QSD é real; e a *teoria de sistemas*, que acredita que apenas o QID é real. A primeira é o *reducionismo grosseiro* – reduzindo o mundo a *Istos* atomísticos – e a segunda é o *reducionismo sutil* – reduzindo o mundo a processos e padrões holísticos de *Istos* dinamicamente entrelaçados. Ambas estripam completamente as dimensões interiores do *Eu* e do *Nós*.”

⁵ Em tradução literal: “terraplana”. Wilber usa este termo, inspirado no romance *Flatland: A Romance of Many Dimensions* (1884) de Edwin A. Abbott, para ressaltar a tendência do cientificismo de somente considerar os aspectos exteriores – individual (comportamental) e coletivo (social) – da realidade, não considerando, e muitas vezes até negando, seus aspectos interiores – individual (intencional) e coletivo (cultural). *Flatland* é um conceito fundamental na obra de Wilber; por esta razão, resolvi mantê-lo no original, sem tentar criar um neologismo. (N.T.)

“Mas isso é verdade?” O pequeno grupo de estudantes manteve-se quase completamente em silêncio até este ponto; alguém finalmente rompeu o silêncio e proferiu abertamente sua objeção. Nós todos suspeitamos que ele fosse um teórico de sistemas de uma linha específica. “Porque a teoria de sistemas, particularmente em suas formas recentes, tenta, explicitamente, levar em conta todos os fenômenos e prover uma imagem holística de sua interação.”

“Você poderia nos dar um exemplo?”, Powell sorriu.

“Com certeza. Consideremos os padrões de tráfego no centro de Chicago. Se olharmos para eles como bolas de bilhar em um mundo newtoniano fragmentado, de fato não conseguimos concluir muita coisa desses padrões. Mas se dermos um passo atrás e olharmos para o fluxo geral de carros em Chicago, conseguimos ver esses belos padrões de relações mútuas. Podemos até descrevê-los usando a matemática da teoria de sistemas dinâmicos. Isto é o oposto do reducionismo! Combate o atomismo exigindo uma ciência abrangente, uma ciência holística!” O estudante estava obviamente agitado.

“Muito bem, compreendo o que você está dizendo. Mas por favor, observe seguinte: você afirma que pode descrever esses belos padrões de tráfego usando a matemática da teoria de sistemas dinâmicos. Tenho certeza de que você consegue, honestamente. Mas o que você não consegue fazer – e nenhuma teoria de sistemas consegue – é me dizer em que *nível de consciência* os motoristas desses carros estão. Um determinado motorista está no vermelho, ou no azul, ou no laranja, ou no verde, ou no turquesa? Porque um motorista com motivações turquesa vai ter uma ação profundamente diferente de um motorista com motivações vermelhas, e nenhuma dessas diferenças pode ser captada pela teoria dos sistemas. Você concorda? A teoria de sistemas trata cada um dos carros como se houvesse o mesmo nível de consciência neles – porque as ferramentas da teoria de sistemas não têm como ver ou entender níveis interiores de consciência nesses carros. Portanto, cada carro é tratado como sendo o *mesmo tipo* de entidade movendo-se no fluxo dinamicamente padronizado. Cada um é tratado como um fio equivalente da grande Teia da Vida. Em outras palavras, a intencionalidade interior é reduzida a um comportamento exteriormente observado, embora, desta vez, seja o comportamento de um sistema coletivo e não de um único indivíduo. A teoria de sistemas não se concentra em um único fio *flatland*, como o atomismo faz; ela se concentra em uma teia de fios *flatland* – e, em ambos os casos, os fios estão completamente eviscerados, estripados, de seus interiores reais, que nunca aparecem na teia exterior. Este é um desastre de primeira magnitude.” O olhar do estudante tornou-se inexpressivo.

“Veja, meu amigo, de fato, a teoria de sistemas combate o atomismo do QSD ressaltando que todos os objetos realmente existem em sistemas de relacionamento dinâmicos. Mas a teoria de sistemas deixa de fora os *interiores* reais desses objetos e sistemas. Não há sistema de modelagem de ação bem-sucedido que considere os domínios do Eu e do Nós *em seus próprios termos*. E isso leva a uma série de autênticas catástrofes porque a teoria de sistemas acha que é realmente holística ou oferece um modelo abrangente do Kosmos. Na verdade, ela é uma terrível redução dos interiores a sistemas *flatland* desprovidos de consciência, cuidado, compaixão, valor, significado, profundidade e divindade. Você pensa que tem uma cura para *flatland*, mas você está simplesmente ampliando-a, acrescentando ao seu reducionismo sutil um profundo autoengano.”

O estudante pareceu completamente arrasado. Powell completou rapidamente: “Oh, querido, não fique assim. Não, não... Está tudo bem. Eu não quis atingi-lo pessoalmente.”

“Isso é muito legal”, sussurrou Kim.

“Você está sendo brutal, Kim”, respondi. “Aquele pobre garoto. Estou pensando em talvez cinquenta mil dólares em terapia.”

“Oh, ele vai ficar bem. Ele é um idiota de qualquer maneira.”

“Kim, acredite, você precisa de um transplante de meme verde imediatamente.”

Powell olhou ao redor. “Como alguns de vocês sabem, Fred Kofman é um valioso membro do Centro Integral. Fred foi o principal colaborador de Peter Senge na formação do *Organizational Learning Center* no MIT, especializado na aplicação da teoria de sistemas dinâmicos a práticas de negócios, uma abordagem que teve – e ainda tem – um enorme número de seguidores. Mas Fred começou a ficar cada vez mais desconfiado de que algo estava profundamente errado com a teoria de sistemas, e quando ele começou a explorar um modelo AQAL (todos os quadrantes, todos os níveis, todas as linhas, etc.), ele percebeu o motivo: a teoria de sistemas capta exteriores holísticos, mas não interiores holísticos, e ambos são necessários para qualquer holismo verdadeiro. Vocês podem encontrar algumas das importantes contribuições de Fred para abordagens integrais no site de Frank Visser (www.integralworld.net).⁶

“Vamos em frente, OK? Nós estávamos no ponto que, historicamente, *flatland* começou a baixar sobre o mundo, e *flatland* envolveu a negação de interiores, a negação de profundidade, a negação do espectro da consciência e da espiral do desenvolvimento – todas essas realidades do *Eu* e do *Nós* seriam colapsadas, esmagadas, distorcidas ou totalmente negadas. Tão poderoso foi o domínio de *flatland* a ponto de toda a modernidade e a pós-modernidade caírem em suas garras. Quando a pós-modernidade, *orgulhosamente*, afirmou que não há nada além de superfícies em todas as direções – nenhuma profundidade, nenhuma interioridade – apenas correntes deslizantes de significantes – ela, afinal, sucumbiu a *flatland*. E ironia das ironias: ao fazê-lo, alegou que estava se livrando da modernidade, quando, no final das contas, morreu por causa dela.”

“E quanto a Descartes?” Todos rimos.

“Em geral, muito injustamente, atribuiu-se a Descartes toda a culpa pelas más notícias da modernidade e nenhum crédito pelas boas notícias. Bem, falamos muito disso no seminário principal, não é mesmo? A razão básica pela qual Descartes não recebeu nenhum crédito pelas boas notícias da modernidade é que o pós-estruturalismo pós-moderno – PEPM – não reconhece dignidades, diferenciações ou boas notícias na modernidade: a modernidade é composta de más notícias, dissociações e desastres, ponto final. Sem mencionar o fato de que seu alcance do EU SOU se perdeu na maioria dos críticos, exceto em poucos – Kroy, Bonnett, Catherine Kahill, Margaret Sullivan – que o vivenciaram e, portanto, são capazes de reconhecê-lo em outra pessoa. Mas eu lhes digo, meus amigos” – Powell fez uma careta – “a reação automática que afirma que o dualismo cartesiano é a raiz de todo o mal é uma calúnia perpetrada pelo Meme Verde Mau no que ele tem de mais nefasto e mais ignorante. Powell fez uma pausa, respirou fundo, olhou novamente para o pobre estudante que se recuperava lentamente.

⁶ Ver especialmente “Hólons, Artefatos e Amontoados” em www.ariraynsford.com.br. (N.T.)

“Falando nisso, afinal, o que é o dualismo cartesiano? Em outras palavras, que parte das más notícias da modernidade teve a mão de Descartes? Como vocês podem supor, nós, do Centro Integral, rejeitamos a maioria das afirmações triviais sobre Descartes e, portanto, sobre o dualismo cartesiano (mais sobre isto depois). Assim, no momento, deixemos de lado as afirmações típicas do PEPM e expressemos a sombra real de Descartes da forma mais simples possível: a limitação de Descartes *não* foi que ele separou a mente do corpo, ou que ele separou o pensamento do sentimento, ou que ele separou a razão da natureza, ou que ele introduziu o olhar monológico pairante e incorpóreo, ou que ele mecanizou a natureza. O problema central foi que ele pegou sua experiência de pico do Eu puro e a aplicou ao nível racional-egoico. Ele interpretou sua experiência do Eu Divino em termos do ego laranja.

“A partir desse colossal engano (é uma forma comum do que chamamos de ‘o projeto Atman’ nesse nível de desenvolvimento), fluíram todos os outros ‘problemas cartesianos’. Mas com relação à maioria dos ‘problemas’ atribuídos a Descartes: em primeiro lugar, a maior parte deles não são problemas, mas importantes avanços; em segundo lugar, os problemas reais são de fato problemas; mas geralmente são mal compreendidos porque são interpretados através do meme verde e, em geral, do Meme Verde Mau (e de *boomerite*). Por isso, é necessário um trabalho cuidadoso e reconstrutivo para chegar a um historiográfico integral mais adequado, ressonante, de segunda camada de Descartes e do período em que ele surgiu.

“Começamos pelo chamado dualismo cartesiano, que, afora o ‘patriarcado’, é provavelmente o único palavrão no cânon do PEPM.” Powell olhou para cima e riu bem-humorada. “O dualismo cartesiano é, supostamente, a divisão entre mente e corpo, ou entre sujeito e objeto, no sentido mais amplo, e muitos críticos realmente atribuíram a origem desse dualismo a Descartes – um conceito derrubado por Karl Popper em sua cuidadosa revisão do problema. Não, o dualismo cartesiano é a divisão que *vocês* sentem agora entre o sujeito que percebe – que parece residir em algum lugar entre e atrás de seus olhos – e o mundo que vocês veem ‘lá fora’. Inequivocamente, vocês sentem, em sua própria consciência deste momento, que estão, de alguma forma, ‘aqui dentro’ olhando para o mundo ‘lá fora’, não é mesmo?”

“Bem, muito simplesmente, este é o verdadeiro dualismo cartesiano. Vocês sentem que estão ‘aqui dentro’ e o mundo está ‘lá fora’. Vamos chamá-lo de dualismo cartesiano *primário* (porque, como veremos, há todos os tipos de dualismos ‘menores’ e derivados associados a ele). E quanto a esse dualismo cartesiano primário, nenhum pós-estruturalismo pós-moderno curará vocês desse sentimento de estar separado do mundo. Eu lhes afianço, meus amigos, que conheço centenas de pós-modernistas, e nenhum deles superou essa percepção fundamental de ser um sujeito que confronta um mundo de objetos, um sentimento essencial de autocontração. E não apenas o pós-estruturalismo pós-moderno: nenhuma teoria de sistemas, nenhuma teoria do caos, nenhuma nova física, nenhum estudo de trânsito astrológico, nenhuma afirmação, repetida várias vezes, de que o mundo é uma Teia da Vida unificada – nenhuma dessas atividades meramente racionais irá curá-los do dualismo cartesiano.

“Vejam, o que Descartes realmente descobriu com esse dualismo é o grande (mas não supremo) dualismo entre Shiva e Shakti, entre Purusha e Prakriti – o notável dualismo entre a Testemunha pura informe e tudo que é testemunhado. Esse dualismo é o dualismo que vocês sentem agora. Mas longe

de ser algum tipo de erro medonho, a percepção desse dualismo é, na verdade, o começo da Grande Libertação, o início do processo de Despertar.

“Despertar para o quê? Para a sua Divindade primordial, para o Eu Divino, para a Testemunha vazia que está livre de toda dor, sofrimento, morte e mortalidade. Vocês podem começar a seguir em direção a essa Grande Libertação exatamente agora, praticando a dúvida cartesiana – simplesmente se perguntem: Quem sou eu? Quem sou eu? Quem sou eu?”

“Estou consciente das minhas sensações, portanto, não sou minhas sensações – quem sou eu? Estou consciente dos meus pensamentos, portanto, não sou meus pensamentos – quem sou eu? Nuvens flutuam no céu, pensamentos flutuam na mente, sensações flutuam no corpo – e eu não sou nada disso porque posso Testemunhá-los todos.

“Além disso, posso duvidar que existam nuvens, posso duvidar que existam sensações, posso duvidar que existam objetos de pensamento – mas não posso duvidar que a Testemunha exista neste momento, porque a Testemunha ainda estaria lá para testemunhar a dúvida.

“Eu não sou objetos na natureza, não sou sensações no corpo, não sou pensamentos na mente, pois eu posso Testemunhar todos eles. Eu sou essa Testemunha – um Eu vasto, aberto, vazio, claro, puro e transparente que testemunha, imparcialmente, tudo o que surge, como um espelho que reflete, espontaneamente, todos os objetos.

“Ora, esse estado de puro Testemunhar está a ‘meio caminho’ da morada da Grande Libertação. Esse dualismo cartesiano *puro* é, na verdade, a *Joia Suprema do Discernimento* de Shankara: eu não sou isto, eu não sou aquilo – *neti, neti*. O Observador autêntico não é qualquer objeto que possa ser visto – e esse dualismo PURO é o reino causal em toda a sua glória informe, límpida e vazia. É um estado incredivelmente elevado – abaixo apenas do supremo Não Dual – e é por isso que, se você vivencia COMPLETAMENTE este dualismo puro, você está, de fato, a meio caminho de casa. Você já consegue sentir parte desta Grande Libertação porque já percebe que está livre do sofrimento de meros objetos, meros sentimentos, meros pensamentos – todos eles vêm e vão, mas você é a Testemunha vasta, livre e aberta de todos eles, intocada por seus tormentos e torturas.

“Esta é, na verdade, a profunda descoberta de Purusha, de Shiva, do puro Eu divino, a Testemunha informe, o nada causal, a vasta Vacuidade em que o mundo inteiro surge, permanece um pouco e passa. *E você é Isto*. Você não é o corpo, não é o ego, não é a natureza, não é os pensamentos, não é isto, não é aquilo – você é uma grandiosa Vacuidade, Liberdade, Libertação e Liberação.

“Repetindo, com essa descoberta, você está a meio caminho de casa. Você se *desidentificou* de todo e qualquer objeto finito; você repousa como Consciência infinita. Você está livre, aberto, vazio, claro, radiante, liberado, libertado, exaltado, encharcado por uma bem-aventurada vacuidade que existe antes do espaço, antes do tempo, antes das lágrimas e do terror; antes da dor, da mortalidade, do sofrimento e da morte. Você encontrou o grande Não Nascido, o vasto Abismo, a inqualificável Essência de tudo o que é, de tudo o que foi e de tudo o que sempre será.

“Mas por que...” Powell olhou gentilmente para todos nós. “Por que isso é apenas a metade do caminho para casa? Porque enquanto você jaz na infinita tranquilidade da consciência,

espontaneamente consciente de tudo o que surge, em breve virá a grande catástrofe da Liberdade e da Plenitude finais: a própria Testemunha desaparece inteiramente e, em vez de testemunhar o céu, você é o céu; em vez de tocar a terra, você é a terra; em vez de ouvir o trovão, você é o trovão. Você e o Kosmos inteiro transformam-se em Sabor Único – você consegue beber o Oceano Pacífico de um só gole, segurar o Monte Everest na palma da sua mão; supernovas redemoïnham em seu coração e o sistema solar substitui sua cabeça.”

A pele radiante de Powell parecia brilhar por dentro, um ébano translúcido ligado a algum tipo de fonte de energia cósmica cintilante. Ela sorriu. “Falando em áridos termos técnicos, além do Causal – que retém o dualismo primário do Sujeito versus todos os objetos – reside o puro estado Não Dual, onde o Sujeito e Todos os Objetos se tornam Sabor Único, onde a Vacuidade e a Forma transformam-se em ‘não dois, não um’. Mas não confunda Sabor Único com misticismo da natureza – no estado Não Dual, Gaia pode desaparecer completamente, como ela faz nos sonhos e no sono profundo, e você ainda é Sabor Único, você ainda é Liberdade e Plenitude em todos os domínios que surgem. Gaia é apenas outro objeto finito, e você não é isto, não é aquilo. Mas se Gaia surge, tudo bem, então você é uno com Gaia. E se nada surge, você é uno com nada. Você é Sabor Único, o espelho vazio que é uno com todos os objetos que surjam em seu abraço radiante, uma amplidão translúcida inconscientemente vasta, infinita, eterna, divina, exaltada. E... você... é... Isto.

“Portanto, o dualismo cartesiano primário – que é simplesmente o dualismo entre Shiva e Shakti, Purusha e Prakriti, aqui dentro e lá fora, sujeito e objeto, a Testemunha vazia e todas as coisas testemunhadas – é finalmente desfeito e superado no Sabor Único não dual. Uma vez que você entra em contato, real e completamente, com a Testemunha, então – e somente então – ela pode ser transcendida para a Não Dualidade radical, e a metade do caminho de casa transforma-se em estar totalmente em casa, na maravilha sempre presente do que é.

“Este, claro, é o significado profundo do Tantra. Shiva ou Purusha (o Observador ou a Testemunha, a pura Consciência informe) é geralmente representado como um homem; e Shakti ou Prakriti (o Observado, ou o mundo inteiro da manifestação) é descrito frequentemente como uma mulher. O ponto é que você deve se identificar com *ambos*. A arte tântrica sempre mostra Shiva e Shakti fazendo amor, ou tornando-se Uno e Não Dual. Este é o abraço eterno, erótico e extático do sujeito e objeto, mente e corpo, masculino e feminino, aqui dentro e lá fora – um abraço que ilumina o céu com os gritos das estrelas enquanto fazem amor com o infinito.

“E, assim, como você sabe que finalmente superou *de fato* o dualismo cartesiano? Muito simples: se você realmente superou o dualismo cartesiano, sente que não mais está deste lado do seu rosto olhando para o mundo lá fora. Existe apenas o mundo e você é todo ele; você realmente sente que é um com tudo o que está surgindo momento a momento. Você não está meramente deste lado do seu rosto olhando lá fora. ‘Aqui dentro’ e ‘lá fora’ transformam-se em Sabor Único com vibrante obviedade e certeza tão profunda, a ponto de parecer que uma pedra de cinco toneladas caiu sobre sua cabeça. É, digamos, um sentimento difícil de não ser notado.” Powell sorriu gentilmente, sua consciência pairando pelo ambiente.

“Nesse ponto, que, na verdade, é sua condição sempre presente, não há identidade exclusiva com este organismo particular, não há uma constrição da consciência na cabeça, uma constrição que faz parecer que ‘você’ está na cabeça olhando para o resto do mundo lá fora; não há vinculação da atenção ao

corpo-mente pessoal: em vez disso, a consciência é una com tudo que surge – uma vasta, aberta, transparente, radiante, infinitamente Livre e infinitamente Plena expansão que abraça o Kosmos inteiro, de forma que cada sujeito e cada objeto estão eroticamente unidos no Grande Abraço do Sabor Único. Você *simplesmente* desaparece detrás de seus olhos e transforma-se no Todo, você, direta e realmente, *sente* que sua identidade básica é tudo que surge momento a momento (assim como, anteriormente, se identificava com esse monte de carne, finito, parcial, separado e mortal que você chama de corpo). Dentro e fora tornam-se Sabor Único. Eu lhes garanto, pode acontecer exatamente assim!” E Lesa estalou os dedos – “o som de uma mão batendo palmas”, ela sussurrou.

“Ora, nesse estado não dual de Sabor Único, é claro que você sabe onde está seu corpo e é claro que você pode sentir uma identidade com ele e com seu ego convencional; mas você também sente, como uma onda constante de consciência, que você é um com tudo o que está surgindo – no estado de vigília, no sonho e no sono profundo. Vocês é, ao mesmo tempo, radicalmente *Livre* – porque *não se identifica* com nenhum objeto – e radicalmente *Pleno* – porque é, paradoxalmente, *uno* com todos os objetos em todos os domínios. Você transcende absolutamente tudo e, portanto, inclui absolutamente tudo, aqui no mundo prístino da Grande Perfeição do Sabor Único sempre presente.”

Houve um longo silêncio. “E amigos, vocês não aprendem isso lendo sobre o pós-estruturalismo pós-moderno”, ela disse com um sorriso gentil. “Tudo que acontece quando você abraça teorias ou ideias como ciências de sistemas, pluralismo, pós-modernismo, conceitos da teia da vida, teorias do caos e assim por diante – não importa quantas verdades relativas elas possam conter – tudo o que acontece é que você ainda está deste lado do seu rosto olhando para o mundo lá fora, mas em vez de pensar atomisticamente, você está pensando holisticamente: tudo experienciado deste lado do seu rosto. Acho que alguém disse uma vez que isto é como trocar correntes de ferro por correntes de ouro.

“Bem, talvez mais tarde possamos discutir maneiras de superar – superar de fato – a metade do caminho para casa do dualismo cartesiano, reconhecendo, manifestando e realizando o Sabor Único sempre presente. Mas, agora, voltemos ao tópico em questão. O que podemos dizer sobre o QSE em René Descartes?”

“Nossa, Kim, como ela pode mudar de assunto assim? Ainda não consigo encontrar minha cabeça.”

“Aperte o cinto, seu fresco. O pessoal do Centro Integral diz que a Lesa pode varrer o espectro inteiro em um microssegundo.”

“Isso é verdade? Isso é, de fato, verdade?”

“Quem sabe? Charles diz que ela consegue. Mas o engraçado é que ela nunca, nunca toca nesse assunto. Ela passou o seminário inteiro sem sequer mencionar esse material de terceira camada. Na verdade, essa fala de agora parece ser a principal para ela. É bem legal, você não acha?”

“Muito bem, podemos supor, com uma quantidade razoável de evidências, que no nível médio de desenvolvimento de Descartes no QSE, seu centro de gravidade, parece ter sido o laranja – certamente na linha cognitiva. Mas, definitivamente, parece que ele vivenciou uma estado alterado temporário ou uma experiência de pico de consciência causal, do Eu puro, do Eu absoluto que não é um objeto (e, portanto, nunca pode ser posto em dúvida; somente pode-se duvidar de objetos), o Eu puro que

transcende inteiramente natureza, corpo, mente e manifestação. Porém ele aplicou essa intuição do Eu irrefutável ao ego racional. E eis o verdadeiro problema: ele imaginou que *o ego racional estava dualisticamente separado do mundo dos objetos*.

“E isso, de fato, foi uma catástrofe colossal. E já que ele sustentou essa catastrófica confusão com toda a força de sua inegável genialidade, então, hum... temos um problema.

“Para começar, vejam, o ego racional é apenas mais um conjunto de objetos. O ego racional não é, em última análise, um Eu real, é apenas um conjunto de objetos que *identificamos como sendo o nosso Eu*, e, portanto, esse conjunto de objetos chamado ‘ego’ *aparece* como um sujeito ou eu finito (que imaginamos ser o derradeiro e *fundamental*, já que nos identificamos com ele). Isso é o que geralmente acontece na onda laranja (na verdade, a cada onda de desenvolvimento, identificamos o Eu com *essa respectiva onda* até conseguirmos nos desapegar e desidentificar dela, e transcendê-la na próxima onda. Esse processo continua até que todos os eus menores tenham sido eliminados, todos os sujeitos tenham se tornado objetos do Eu e, assim, apenas o Eu permaneça como um lócus da Identidade Suprema – *tat tvam asi* – Tu és Aquele. No desenvolvimento, o *sujeito* de um nível torna-se o *objeto* do sujeito do próximo nível, até que todos os sujeitos se transformem em objetos do Eu puro, resultando na onda causal).

“Desse modo, o ego racional *aparenta* ser um eu real apenas porque identificamos o Eu com o ego. Mas o Eu ou Testemunha pode de fato testemunhar o ego, pode torná-lo um objeto, pode se desidentificar dele, pode transcendê-lo. Todavia, infelizmente, foi exatamente isto que o querido Descartes *não* fez. Justamente porque ele experienciou a Testemunha pura como um estado passageiro e não como uma característica permanente, ele não se desenvolveu até o nível da Testemunha causal. Seu centro de gravidade permaneceu no laranja, e ele aplicou sua intuição do Eu radical ao eu ou ego laranja.

“Isso o levou a acreditar que o ego racional era o seu Eu verdadeiro e, pior, o levou a acreditar que esse ego racional estava separado e divorciado do mundo dos objetos ao redor. Ora, o ego racional existe, de fato, apenas em um mundo de relacionamentos com todos os outros sujeitos e objetos finitos em torno dele. Ou seja, o ego racional existe completamente situado nos quatro quadrantes – como todas as ocasiões manifestas existem, seja como sujeitos finitos (Lado Esquerdo) ou objetos finitos (Lado Direito). Somente o domínio causal puro e informe está livre dos quadrantes (porque é completamente imanifesto e sem forma). Porém Descartes aplicou sua intuição da Testemunha puramente transcendente ao eu egoico-racional finito e, portanto, *separou* esse eu tanto do corpo quanto da natureza, *ignorou* a intersubjetividade cultural *inerente* a todos os eus finitos, induzindo-nos ao que foi chamado, em termos compreensivelmente desagradáveis, de dualismo cartesiano.

“Então, se eu puder resumir esse ponto, o dualismo cartesiano ‘primário’ – que muito provavelmente foi uma parte da experiência de estado alterado de Descartes no domínio causal – refletiu sua vivência precisa da Testemunha causal que, de fato, está separada de, ou transcende, absolutamente todos os objetos finitos. A Testemunha causal ou Eu puro transcende radicalmente a mente, o corpo, a natureza, os pensamentos e os objetos. Esta foi a grande descoberta de *neti, neti* – nem isto nem aquilo. Mas como Descartes a experienciou como um estado alterado e não como um nível, ele foi forçado, afinal, a interpretar essa experiência através de seu presente nível de desenvolvimento. Em outras palavras, ele aplicou sua intuição do Eu puro ao ego racional, e então, compreensivelmente (porém incorretamente), imaginou que (1) o ego racional está separado do corpo; (2) o ego racional

está separado da natureza; (3) somente pensamentos racionais apresentam a verdade absoluta e correta (o que caracteriza uma aplicação errônea da certeza da Testemunha sempre presente – que é, de fato, Autoevidentemente Certa – à racionalidade finita, que nem de longe é certa); (4) os sentidos não nos proporcionam conhecimento real; (5) o ego racional transcende o enraizamento cultural; (6) natureza e corpo são objetos mecanicistas.

“Bem, esses seis itens são realmente problemáticos, não são? Mas vocês conseguem perceber agora como eles começaram em seus profundos *insights* ‘meio vedantas’? Assim, chamamos o primeiro – o dualismo básico entre sujeito e objeto (Shiva e Shakti) – de dualismo cartesiano primário. E os outros seis aspectos que acabei de listar, que se originam basicamente do dualismo cartesiano primário, chamamos de os aspectos ‘menores’ ou ‘secundários’ do dualismo cartesiano. E o meu ponto é que a maioria dos críticos de Descartes se concentrou nos dualismos cartesianos *secundários* e não percebeu o dualismo cartesiano *primário*. É por isso que lhes escapa *completamente* a cura para o verdadeiro dualismo cartesiano. Eu voltarei a este ponto crucial daqui a pouco.

“Que eu saiba, não há nenhuma evidência confiável que indique que René Descartes foi além e atingiu um estado alterado ou experiência de pico do Não Dual; desse modo, ele ficou bem preso, não apenas ao dualismo Shiva/Shakti – que em sua forma pura é uma conquista bem elevada! – mas ao dualismo Shiva/Shakti aplicado ao seu ego racional. Uau! E aqui vocês podem muito bem ser arrastados, a seu bel-prazer, por todas as condenações desta postura por parte do PEPM.

“Mas notem imediatamente que se o nosso velho René não superou o dualismo Shiva/Shakti ou o dualismo cartesiano primário – isto é, a fundamental *sensação de divisão* entre o sujeito aqui dentro e o mundo lá fora – *os pós-modernistas também não o superaram*. Como disse, eu não conheço um único pós-modernista que tenha feito isso (exceto um punhado que também pratica meditação). Ao contrário, os pós-modernistas apresentaram uma série de movimentos que fizeram várias coisas ao mesmo tempo: (1) falharam clamorosamente em abordar o dualismo original ou primário de Shiva/Shakti que foi a essência da grande descoberta cartesiana; (2) confinaram sua atenção a várias características menores e secundárias do dualismo cartesiano, onde (3) abordaram com muito sucesso alguns dos aspectos óbvios do Cartesianismo secundário, tais como o ego hiperativo do Iluminismo e sua dissociação do corpo e da natureza, mas (4) com algumas importantes exceções, ficaram aquém de abordar adequadamente os problemas mais sutis, ocultos, obscuros – e mais importantes – do Cartesianismo secundário, como a natureza real da intersubjetividade e sua genealogia.

“Está ficando tarde. Importam-se de tocarmos nesses pontos rapidamente?”

Meu cérebro entorpecido e anestesiado não conseguiu registrar a pergunta. A idiota da Kim respondeu: “Nós adoráramos, Dra. Powell.” Eu olhei para o estudante da teoria de sistemas que Powell tinha recentemente nocauteado; ele deu de ombros.

“Vou ser bem breve”, ela sorriu. “Primeiro, o ‘dualismo cartesiano’ rapidamente passou a significar a relação do ego-mente finito com o mundo finito dos objetos (ou a relação do sujeito finito com o objeto finito). Qualquer consideração do dualismo original Shiva/Shakti e do Eu infinito saiu da equação (exceto em alguns casos importantes como Husserl, Fichte e outros – não os discutiremos agora, a não ser para dizer que suas importantes filosofias foram tentativas de chegar a um acordo com o Eu puro e o dualismo Shiva/Shakti; mas sem uma formulação de quatro quadrantes, e sem uma

realização duradoura no Não Dual, eles ficaram aquém da marca integral. Ver *Sexo, Ecologia, Espiritualidade* para reflexões adicionais sobre o tema).

“Ora, a maneira mais simples de entender o dualismo cartesiano nesse momento histórico é que o *ego-mente individual* foi retratado como um agente separado, autônomo, isolado, divorciado da natureza, do corpo e da cultura. Chamamos isso de dualismo cartesiano ‘secundário’ porque ele não aborda o dualismo original de um Eu infinito-informe testemunhando um mundo de objetos finitos – parte do estado alterado de Descartes – mas agora reduzido (pelo próprio Descartes, bem como pela maioria de seus críticos) à relação de um eu egoico finito com um mundo de objetos finitos. Essa é uma relação muito importante de ser compreendida, mas não capta o dualismo original em sua pureza ou alcance. Ainda assim, tornou-se uma das questões candentes da modernidade, e com razão. O Cartesianismo secundário, abraçado pelo próprio Descartes – precisamente porque ele confundiu Eu com ego – retratou o ego racional finito como radicalmente separado do corpo, natureza e mundo. E isto foi, de fato, um pesadelo.

“Na verdade, se vocês olharem para o diagrama dos quatro quadrantes, o ego cartesiano (e, afinal, kantiano) pode ser representado como uma pequena pessoa em pé no QSE *completamente desconectada dos outros três quadrantes*. Esta é a principal confusão epistemológica que as desvantagens do Iluminismo nos legou (isto é, os Três Grandes foram dissociados, não meramente diferenciados). E já que o ego-mente (ou QSE) está de fato *inseparavelmente conectado* aos outros três quadrantes, várias escolas diferentes surgiram rapidamente para desafiar esse quadro truncado, para desafiar o dualismo cartesiano ou a epistemologia iluminista, cada uma delas defendendo a importância de um dos quadrantes negligenciados. Todas elas tinham verdades importantes, peças essenciais do quebra-cabeça, desfiguradas apenas pelo fato de que todas achavam que tinham o quadro total. Bem, todos nós cometemos esse erro, não é mesmo? Até nós, integralistas, hoje temos somente um pedaço da torta, como os integralistas de amanhã ressaltarão. Mas, até lá estaremos mortos, portanto quem se importa?” Todos nós rimos com ela.

“O primeiro movimento pós-cartesiano, pós-iluminista, foi o Romântico. Ele ressaltou diversas *relações* importantes que o ego racional supostamente *autônomo* estava desconsiderando (ou negando ou reprimindo). A primeira relação ignorada foi a de que o ego-mente está inseparavelmente conectado ao corpo sensível (e através dele, à natureza em geral). Esta foi uma tentativa, no QSE, para reconectar o ego racional com o corpo vital e orgânico. Nietzsche, Herder, Novalis, Schiller, Schopenhauer e Freud teriam algo importante a dizer sobre essa dissociação interior que começou a afligir o eu iluminista (tanto em teoria quanto na vida).

“Mas, por favor, observem, René Descartes não foi responsável por esta dissociação interna entre pensamentos e sentimentos que, às vezes, ocorreram em pessoas da era moderna. Ela é a *patologia padrão possível do meme laranja* (uma dissociação que começa no azul), e surge onde quer que o meme laranja apareça (em qualquer cultura, oriental ou ocidental, setentrional ou meridional). Os memes anteriores não apresentam essa dissociação interna entre a mente operacional formal e o corpo sensível porque, para começar, *sequer têm* uma mente operacional formal. As mentes pré-operacional e operacional concreta não são suficientemente fortes para se dissociarem dessa maneira; elas ficam livres dessa patologia em particular não porque estejam acima dela, mas porque estão abaixo.

“Coloquemos da seguinte forma: esta dissociação interna do corpo sensível (e sua correlata, a dissociação da natureza sensorial) teria começado a atormentar a humanidade na época do Iluminismo, independente de René Descartes existir ou não; independente de ocorrer no Oriente ou no Ocidente; e independente de homens ou mulheres estarem no comando da cultura no momento (as mulheres podem ter menor propensão a abstrações impalpáveis, mas elas não têm menor propensão a formas de patologia laranja: nesse ponto, homens e mulheres são igualmente responsáveis; de fato, estudos mostram que tanto homens quanto mulheres no nível de desenvolvimento consciencioso demonstram tendências para o formalismo abstrato e sua dissociação). Esta é uma possível patologia *inerente* à onda de desenvolvimento laranja de ambos os sexos. Colocar a culpa em Descartes (ou nos homens em geral) é simplesmente absurdo. É claro”, acrescentou Lesa, “perceber que o Iluminismo ocidental teria essencialmente a mesma forma, mesmo que as mulheres estivessem no comando, está em desacordo com praticamente todas as escolas de feminismo, mas isso não é culpa minha”, ela riu. “Além disso, minha posição – de que as mulheres teriam estragado o Iluminismo da mesma forma básica que os homens – é, na verdade, uma homenagem às mulheres.

“De qualquer forma, eu não me importo de nomear doenças referindo-me a suas vítimas mais famosas. Afinal, nós chamamos a esclerose lateral amiotrófica de ‘doença de Lou Gehrig’, relacionando-a a seu paciente mais célebre; e criamos o nome ‘*boomerite*’ em menção à geração que foi sua primeira grande vítima. Assim, de uma maneira indireta, não é totalmente errado chamar essa dissociação de dualismo cartesiano, desde que percebamos que René Descartes foi sua primeira grande vítima, não sua primeira grande causa. A causa ou causas reais dessa dissociação foram eventos ocorrendo em todos os quatro quadrantes, que moldaram a forma específica assumida pelo laranja com a emergência criativa a partir do azul. Mas esses contornos, como eu disse, foram essencialmente similares em outras culturas; essa dissociação particular é a possível patologia inerente à onda laranja de consciência e evolução cultural. Ela pode ser diminuída e mitigada – ou exagerada e exaltada – por eventos nos outros quadrantes, mas ela não existe porque crianças de 2 anos comecem a ler Newton e Descartes e se percam em um mundo de bolas de bilhar!

“Muito bem, o primeiro *insight* positivo dos Românticos foi abordar essa divisão entre mente e sentimentos. O segundo importante *insight* dos Românticos foi que a subjetividade individual (o QSE) não é um sujeito desengajado totalmente autônomo, mas sim que está imerso em extensos campos de *intersubjetividade cultural* (o QIE). Isto é certamente verdadeiro e deve ser creditado aos Românticos, que foram os primeiros a realmente articular esse ponto – Herder, Schiller, Rousseau, os Schlegels, Novalis, Coleridge e outros. Foi essa ênfase no contexto cultural – e, portanto, na importância da hermenêutica, do reconhecimento de outras culturas, da interpretação e do contexto de fundo – que fez dos Românticos os primeiros pós-modernistas verdadeiros. Na verdade, os Românticos foram os primeiros grandes teorizadores do meme verde na história. Sua linhagem se estende a Schleiermacher, Nietzsche, Dilthey, Heidegger, Derrida...”

“Acho que você disse que os *Boomers* foram a primeira geração do meme verde na história.”

“Sim, os *Boomers* foram a primeira *geração* na qual uma porcentagem significativa teve centro de gravidade verde – no nosso caso, cerca de 25% da população é verde. Lembrem-se de que os Românticos eram um grupo relativamente pequeno de pensadores e artistas de vanguarda, provavelmente não mais que 1% da população. Isso vale para a maioria dos movimentos contrailuministas e pós-iluministas que estamos discutindo agora: eles eram uma parte extremamente

pequena da população quando surgiram pela primeira vez. Na verdade, a maioria da população na época do Iluminismo ‘laranja’ propriamente dito estava no pré-Iluminismo, no azul pré-moderno – estimo que cerca de 60% da população durante o Iluminismo não era laranja, mas azul. E provavelmente 30% estava no vermelho. E talvez 5%, se isso, estivesse de fato no laranja; e menos de 1% no verde ou acima. Vocês entenderam o quadro. Paul Tillich avalia que o que chamamos de Renascimento teve a participação de cerca de 1000 pessoas.”

Isso me pegou completamente desprevenido; que pensamento eletrizante.

“Daí por que ser tão engraçado ver estudiosos do PEPM colocarem a culpa da maioria dos problemas do mundo no paradigma ‘newtoniano-cartesiano’. A grande maioria de pessoas – naquela época e atualmente – não consegue repetir precisamente uma única coisa que Newton ou Descartes tenham dito. Os dualismos e mecanismos que estão associados a seus nomes são características do mundo que surgem em várias ondas de desenvolvimento e estariam lá com ou sem esses cavalheiros. Bebês normais, em qualquer cultura conhecida, têm uma concepção de permanência do objeto por volta dos 18-24 meses, e acreditem em mim, essas crianças não estão lendo Newton.” Ela sorriu, mudou de posição e respirou fundo.

“Muito bem, embora poucos em número, os Românticos foram os primeiros grandes teorizadores do meme verde. O que significa que eles foram *também* os primeiros a contrair *boomerite* e o culto do eu. Isso agora é tão bem conhecido que não precisamos nos alongar nesse ponto. Mas onde quer que o verde vá, *boomerite* o segue e os Românticos iniciaram praticamente todas as formas importantes de *boomerite* imagináveis, desde o deslizamento retrorromântico à glorificação do selvagem nobre, à celebração da consciência tribal púrpura, ao culto do divino ego e à maravilha de ser eu. Oh, sim... E, desnecessário dizer, eles não superaram o dualismo cartesiano original ou a divisão Shiva/Shakti, embora sempre afirmem que o fizeram. Em vez disso, eles se concentraram em vários aspectos dos dualismos cartesianos secundários e, com relação a essas questões secundárias, eles fizeram importantes contribuições e cometeram erros infelizes, assim me parece.

“Repetindo brevemente suas importantes descobertas e contribuições: (1) no QSE, o ego racional está *intrinsecamente* ligado a suas raízes vitais, orgânicas e corporais; (2) a partir daí, está organicamente conectado a toda a natureza (do Lado Direito); e (3) no QIE, o ego racional e sua *subjetividade* estão intrinsecamente ligados a estruturas *intersubjetivas* da linguagem, *background* cultural e relações mútuas. Creio que todos esses *insights* são profundamente verdadeiros, um testemunho da grandiosidade do que o verde sadio é capaz de produzir. Voltaremos aos problemas que os Românticos nos legaram, mas, primeiro, concluamos a história presente.

“O segundo importante movimento pós-iluminista foi o dos Idealistas, particularmente Fichte, Schelling, Hegel. Os Idealistas tentaram curar a divisão entre os Três Grandes (Eu, Nós e Isto) – que eram partes dos dualismos cartesianos secundários do eu versus corpo versus mundo – com o uso da visão lógica madura ou pensamento turquesa. Ora, como acabamos de ver, os Românticos tentaram curar as mesmas divisões com a cognição verde, que também os levou a *boomerite*, a um deslizamento regressivo, o Expresso do Regresso, um desenfreado narcisismo e interminável autoabsorção. Não é de surpreender que os Idealistas reservassem sua crítica mais incisiva para os Românticos. Em particular, Fichte e Hegel foram absolutamente brutais em seus ataques polêmicos dirigidos às tendências regressivas do Romantismo – que, desnecessário dizer, aborreceram

consideravelmente o eu sensível do meme verde (‘Quão espiritual pode ser esse arrogante Hegel?’). O que realmente vemos nessas farpas trocadas são, historicamente, duas coisas: as primeiras grandes falácias pré/pós – que os Românticos tiveram a dúbia honra de cometer – e as primeiras grandes e devastadoras críticas a essas falácias pré/pós – emitidas por Fichte, Hegel e companhia.

“Em geral, os grandes Idealistas eram, claramente, pensadores de segunda camada e buscaram, mais do que qualquer outro movimento pós-moderno, pós-iluminista, integrar os quatro quadrantes (ou os Três Grandes). Ainda mais importante, eles realmente abordaram o dualismo cartesiano original ou primário. Cabe a Johann Gottlieb Fichte o crédito por elucidar, de forma bem vedada, a relação entre o Eu infinito à medida que ele dá origem ao eu finito e ao mundo finito. Escusado dizer, ele foi quase completamente mal interpretado sobre este tema (simplesmente porque muito poucos vivenciaram um estado alterado, muito menos um nível, do puro Eu informe). Os críticos assumiram que Fichte estava falando não sobre o infinito Eu informe, mas apenas sobre o finito ego racional, *seu* ego pessoal, e assim... bem, não importa. Também vai para Fichte o crédito pelo primeiro grande *insight* de que a *genealogia* era a chave para uma autêntica hermenêutica do Kosmos: o que é necessário, ele disse, é uma ‘reconstrução da história pragmática da consciência’.

“Meu Deus, queridos amigos, isto é brilhante, absolutamente brilhante. Porque daí nasceu a perspectiva desenvolvimentista e evolucionária. Tão importante foram os *insights* de Fichte a ponto de, até Kant, no final de sua vida, reescrever furiosamente sua obra em resposta à perspectiva desenvolvimentista (como Hegel comentou mais tarde sobre as estruturas de Kant: ‘elas só podem ser concebidas como tendo se *desenvolvido*’). Schelling assumiu essas ideias de desenvolvimento e deu-lhes uma surpreendente formulação profunda, integrando os Três Grandes através de uma série de experiências de pico e *insights* intensos do Causal e até mesmo do Não Dual; e Hegel martelou os detalhes em uma série de tratados implacavelmente brilhantes e aborrecidos, enquanto seu amigo Holderlin seguiu a rota mais poética para expressar essas experiências extraordinárias. Mas as evidências sugerem fortemente que, para todos eles, como para Descartes, essas experiências de pico foram apenas estados temporários, não características permanentes, fato que acabaria gerando várias dificuldades insuperáveis para a abordagem idealista.

“Há, de fato, evidências substanciais sugerindo que muitos dos Idealistas tiveram experiências do Causal e, ocasionalmente, do Não Dual, mas eles fizeram exatamente o que Descartes fez, apenas um chanfro além, por assim dizer: *eles interpretaram suas experiências do Não Dual em termos do meme turquesa*; eles aplicaram sua intuição do Não Dual à visão-lógica; e assim, pelo menos na época de Hegel, eles imaginaram que a Razão integradora, incorporada, não dissociada poderia apreender o Kosmos. Os estados e níveis superiores, enquanto estados e níveis mais elevados, *não foram meramente interpretados pela visão-lógica, mas reduzidos à visão-lógica*: uma grande catástrofe em si mesma.

“A dificuldade, o problema, é que não se pode curar o dualismo cartesiano primário com lógica, nem mesmo com a lógica turquesa. Você pode *pensar* tudo o que quiser sobre o mundo ser um sistema unificado de relações dinâmicas entre natureza, corpo, mente, cultura e espírito – mas você ainda está deste lado do seu rosto olhando para o mundo lá fora, não é mesmo? O problema é que os Idealistas não tinham *yoga*, não tinham exemplares e injunções interiores sistemáticos para gerar a terceira camada de consciência e, assim, permaneceram presos à segunda camada (desvirtuando toda consciência superior em termos de uma Razão incorporada, integradora, dialética, uma Razão

turquesa, definitivamente superior à racionalidade laranja ou ao pluralismo verde, mas ainda muito aquém da marca Não Dual).

“Em outras palavras, nem os Românticos nem os Idealistas curaram de fato o dualismo cartesiano primário ou a derradeira divisão Shiva/Shakti, embora ambos oferecessem *insights* importantes sobre os problemas cartesianos ‘menores’ do eu hiperativo, do eu egoico-racional e suas dissociações – isto é, *insights* importantes sobre o problema relativo de como integrar os quatro quadrantes no domínio manifesto, *insights* que qualquer abordagem integral desejaria incluir. Dos Românticos, herdamos a necessidade de ligar o ego racional ao corpo, natureza e cultura, e dos Idealistas, herdamos a necessidade de fazê-lo, não meramente regredindo ao corpo sensorial e à natureza, mas progredindo para a visão-lógica turquesa. E nós complementamos: por favor, não parem por aí...

“Ainda assim, quanto aos grandes Idealistas, meu Deus, que gênio tocou aquela região do mundo por um breve período de tempo...

“Muito bem!” Ela sorriu, mais uma vez trocando de marcha abruptamente. “Continuemos... No campo da ciência, a divisão cartesiana secundária entre a mente relativa e o corpo relativo teve sua cura reivindicada por duas escolas principais, uma das quais abordou o QSD (ciência cognitiva) e a outra abordou o QID (ciência de sistemas). No QSD, afirma-se, simplesmente, que o ego-mente, na verdade, nada mais é que o cérebro. Uma vez que o cérebro está no corpo orgânico, então a mente é algo que o organismo produz, e isso resolve o problema. O ‘eu-mente’ é reduzido ao ‘isto-cérebro’, e como o cérebro e o corpo são feitos da mesma substância, por assim dizer, então o problema desse dualismo desaparece!

“Esta ‘solução’ para o dualismo cartesiano secundário é tão idiota, a ponto de eu não me dar ao trabalho de prosseguir com ela, além de dizer que é, de longe, a ‘solução’ mais amplamente aceita para o problema secundário.” Powell olhou para cima, fez uma careta e revirou os olhos.

“A segunda ‘solução’ científica foi a teoria de sistemas. Vocês sabiam que a teoria de sistemas, como primeiramente codificada por von Bertalanffy, na verdade era chamada de ‘teoria de sistema’, não de ‘teoria de sistemas’? Mas todo mundo a chama de teoria de sistemas, portanto é assim que vamos nos referir a ela. De qualquer modo, a teoria de sistemas, em qualquer de suas numerosas formas subsequentes, identificou o sujeito com o organismo (QSD) e o objeto com o meio ambiente (QID) e, em seguida, afirmou que ao unificar o organismo e o ambiente em um todo dinâmico ecológico, havia unificado o sujeito e o objeto e, portanto, tinha resolvido o dualismo cartesiano. Na verdade, é claro, ela não resolveu nem o dualismo cartesiano original (ou a divisão Shiva/Shakti) nem o dualismo cartesiano secundário (a relação da mente finita e do corpo/natureza finito), porque tudo o que ela fez foi *reduzir* a mente-sujeito-eu (QSE) ao cérebro-objeto-isto (QSD) e chamar esse organismo-isto de ‘o sujeito’; e já que esse organismo objetivo (QSD) é de fato ecologicamente uno com o meio ambiente objetivo (QID), então isso supostamente resolve o problema, quando tudo o que realmente faz é reduzir subjetividade a objetividade e intersubjetividade a interobjetividade. Esta ainda é a principal maneira que quase todas as escolas de ecofilosofia usam para alegar que curaram o dualismo cartesiano, enquanto, mais uma vez, não abordaram o dualismo cartesiano original ou primário, embora, como as outras escolas, tenham oferecido importantes *insights* sobre problemas cartesianos menores, principalmente a integração do QSD com o QID – ou do organismo objetivo com o meio ambiente objetivo – via coevolução ecológica mútua (nenhuma das escolas de ecofilosofia tocam no

QSE ou no QIE, muito menos no dualismo cartesiano primário). Escusado dizer que essas escolas da Teia da Vida afirmam ser totalmente inclusivas.

“Muito bem, vimos que nenhum dos principais movimentos pós-cartesianos abordou de fato ou curou o dualismo cartesiano primário. Mas vimos que todos eles se tornaram importantes contribuições para corrigir alguns dos problemas dos dualismos cartesianos secundários, e eu tentei delinear muitas dessas contribuições. Mas eu também sugeri que as duas principais escolas pós-cartesianas que ainda são muito influentes no mundo de hoje – a saber, o *pós-modernismo* romântico e a *teoria de sistemas* científica – ambas abordaram alguns dos aspectos *óbvios* do Cartesianismo *secundário*, mas nenhuma delas abordou adequadamente os aspectos mais latentes do Cartesianismo secundário. Permitam-me dar, rapidamente, alguns exemplos do que quero dizer com isso.

“Lembrem-se de que o dualismo cartesiano primário (a divisão Shiva/Shakti) se refere à relação entre a Testemunha ou Eu puro imanifesto, informe e o mundo manifesto dos quatro quadrantes (enquanto o dualismo cartesiano secundário se refere à relação entre os quatro quadrantes propriamente ditos). Desvelar a Testemunha é o primeiro passo para transcender o mundo manifesto e os quatro quadrantes (apenas para incluí-los completamente no Sabor Único).

“O dualismo cartesiano secundário significa que o Eu informe *infinito* saiu da equação e agora estamos lidando apenas com a relação do eu *finito* e do mundo *finito* (ou a mente finita e o corpo finito ou o sujeito relativo e o objeto relativo, e assim por diante). Isto é, estamos olhando para a relação, não da Testemunha com os quadrantes, mas dos quadrantes entre si (já que a Testemunha foi esquecida ou ignorada).

“Isto está claro? Com o dualismo cartesiano primário, tentamos resolver a relação de Shiva com os quatro quadrantes que são Shakti. Shakti, Prakriti ou o mundo manifesto em si consiste dos quatro quadrantes: um eu/sujeito finito (QSE), um organismo objetivo finito (QSD), uma cultura finita (QIE), e um meio ambiente finito (QID) – e Shiva testemunha imparcialmente todos eles sempre que surgem. Assim, Shiva transcende completamente Shakti em pura consciência informe; uma percepção que leva – ou pode levar – à união ou integração completa ou ‘não dois, não um’ de Shiva e Shakti em eterno abraço erótico: a Testemunha dos quatro quadrantes torna-se *una* com os quatro quadrantes em todos os domínios, e Purusha e Prakriti iluminam a noite com seus gritos eróticos.

“Porém, com o dualismo cartesiano secundário, Shiva saiu completamente de cena. Por algum motivo, o infinito foi negado, ignorado, reprimido ou esquecido. Em lugar do Eu infinito ou Espírito, existe apenas o eu finito do QSE e, portanto, a questão da relação do sujeito com o objeto – que é originalmente a relação de Shiva com Shakti – torna-se apenas a questão da relação do eu finito com o mundo finito (tudo isso ocorre *no âmbito de* Shakti que, agora, perdeu seu amado cônjuge).

“Desse modo, tanto os pós-modernistas quanto os teorizadores de sistemas – e praticamente todas as tentativas dos atuais *estudos da consciência* para curar o problema ‘mente-corpo’ – estão lidando com o dualismo cartesiano *secundário*, mesmo quando afirmam ruidosamente que curaram o dualismo primário (enquanto, aparentemente, tudo indica que sequer o reconheceram). E o meu ponto é que eles nem lidaram muito bem com o dualismo cartesiano secundário. Ou seja, nenhuma dessas escolas conseguiu integrar os quatro quadrantes de forma adequada; é a isso que me refiro quando digo que

abordaram algumas das questões mais óbvias do cartesianismo secundário, mas não os aspectos mais sutis, ocultos, obscuros – e mais importantes. Olhemos rapidamente para eles.

“Já vimos que a *teoria de sistemas* – e a maioria das formas de ecologia e ecofilosofia – geralmente é insuficiente em sua busca holística e, em vez de realmente integrar o mundo manifesto, ela simplesmente reduz todos os *eus* e todos os *nós* a uma rede dinamicamente interligada de *istos* – a Teia da Vida. Não precisamos revisitamos essas inadequações. A Teia da Vida está realmente lá, mas cobre apenas o QID e, se absolutizamos esse quadrante, ele eviscera domínios interiores em seus próprios termos, colocando-os para secar ao sol escaldante do olhar monológico... (Retornaremos a esse ‘globo ocular monológico’ em um momento.)

“Mas são os fracassos do *pós-modernismo* que, de certa forma, são mais perturbadores que os da teoria de sistemas porque, na melhor das hipóteses, o pós-modernismo era uma afirmação de que o QIE – os contextos culturais, *backgrounds* e intersubjetividade inerentes ao mundo – é um ingrediente inseparável e constitutivo da própria subjetividade (um movimento que, se realizado adequadamente, ajudaria de fato a curar a divisão do ego iluminista orgulhosamente autônomo – aquele homúnculo desincorporado, desengajado, pairando no QSE, desligado dos outros três quadrantes e dos níveis mais elevados e mais baixos *do seu próprio quadrante*: CREDO!).

“Mas a partir desse começo promissor – nas reflexões organicamente ricas de Novalis, Herder, Schiller, Heidegger – a promessa pós-moderna verde logo degenerou no Meme Verde Mau e em *boomerite*. O pós-modernismo genealógico – *traçando o desenvolvimento da intersubjetividade ao longo do tempo* (sob diferentes formas, de Hegel a Heidegger a Nietzsche) – transformou-se em um mero pós-modernismo pluralista – sim, porque com o pluralismo radical, ‘ninguém pode me dizer o que fazer!’ – lema de *boomerite*.⁷

“À medida que essa catástrofe pluralista se desdobrou – especialmente na esteira dos filósofos de 1968 – o próprio pós-modernismo começou a mudar de um chamado gentil para compreender hermeneuticamente as cadeias deslizantes de *significados* no Outro – isto é, uma tentativa hermenêutica de ressonar com simpatia e compreender os significados interiores e os valores intersubjetivos dos outros – para um pronunciamento meramente exterior de que não há nada além de cadeias deslizantes de *significantes* – isto é, não há profundidades interiores a serem entendidas e cuidadas, existem apenas superfícies exteriores sob as quais nunca se pode ir abaixo: e nunca se pode ir abaixo delas porque não há ABAIXO nem PROFUNDIDADE em nenhuma parte do Kosmos. Ponto final.

“E assim, como tem sido frequentemente notado, o pós-modernismo passou de uma preocupação com o QIE, ou com uma genuína intersubjetividade semântica, para uma obsessão quase exclusiva com o QID, ou com sistemas sintáticos heterogêneos de interobjetividade. O pior de tudo é que esse abandono do QIE significou que a maioria dos pós-modernistas – e certamente aqueles mais ativos – desistiu completamente do pós-modernismo genealógico em favor do pós-modernismo pluralista. E como a genealogia é a única cura para o pluralismo – e o pluralismo é o lar de *boomerite* – o meme

⁷ Sobre as duas principais formas de pós-modernismo – genealógica e pluralista – ver “Quem Comeu o Capitão Cook? Historiografia Integral em uma Era Pós-moderna” em www.ariraynsford.com.br. (N.T.)

verde frequentemente se transformou no Meme Verde Mau, e pós-modernismo e *boomerite*, em grande parte, passaram a ser sinônimos.

“Embora os pós-modernistas dominantes em geral escorregassem para o QID – onde eles frequentemente se ligavam a outras importantes teorias situadas no QID (da teoria de sistemas ao Neomarxismo) – seu objetivo era radicalmente diferente: por exemplo, enquanto a teoria de sistemas, no que tem de melhor, é uma ciência de segunda camada (isto é, usa o pensamento amarelo, mas se aplica apenas a sistemas objetivos – ou seja, é o pensamento amarelo restrito a preocupações do QID), o pós-modernismo é um movimento totalmente do meme verde. E, portanto, quando o pós-modernismo se limitou a superfícies e se deslocou do QIE para o QID, seu único objetivo foi *desconstrutivista*: derrubar as profundidades, esmagar os interiores, destruir qualquer sistema de valores encontrado. Nenhum cientista de sistemas jamais afirmaria que estaria lidando com construções sociais – eles insistem, corretamente, na objetividade relativa dos sistemas que estudam. Mas o verde pós-moderno tentou agressivamente desconstruir até mesmo isto, deixando em seu rastro, como Habermas observou, nada mais que seus próprios ímpetos de poder.

“Uma história triste, não é mesmo? E a maior ironia das grandes ironias pós-modernas é a seguinte: o famoso globo ocular cartesiano – desprezado por todos os movimentos pós-iluministas – na verdade *passou a dominar todas as agendas pós-iluministas*. Todas elas – o pós-modernismo, a teoria de sistemas, praticamente toda a ecologia e as filosofias ecológicas – sucumbiram ao reducionismo sutil, sucumbiram à *flatland* que prometeram combater. Reduziram-se todos os eventos do Lado Esquerdo a ocasiões do Lado Direito, todas as profundidades a superfícies, todos os valores a aparência, todos os *eus* e *nós* entrelaçados a teias holísticas de *istos* entrelaçados. Realmente, uma história bem triste.”

“Mas o que é exatamente o globo ocular monológico?”, perguntou um estudante. “Soa como um filme de terror de Wes Craven.”

“Bem”, Lesa sorriu, “esse era o lema dos pós-modernistas: subverter o globo ocular monológico, mas eles o fizeram, inadvertidamente, usando mais do mesmo.

“Eis o problema – e depois encerraremos essa discussão ou Margaret vai brigar comigo. Lembrem-se de que há dois principais dualismos cartesianos: o dualismo cartesiano original ou primário (a relação do Eu infinito com o eu finito e o mundo finito, ou a relação da Testemunha vazia com os quatro quadrantes) e os dualismos cartesianos secundários (ou a relação dos quadrantes entre si). Correspondentemente, existem dois tipos de olhar monológico: infinito e finito. Ou seja, o primeiro tipo de olhar monológico é o da Testemunha: é a Mente de Espelho supremamente indiferente a tudo que surge momento a momento; é Shiva, é Purusha, é Consciência sem um objeto, é o domínio causal infinito e vazio – um domínio do qual Descartes teve uma experiência de pico. E esse olhar monológico está de fato separado de absolutamente toda a manifestação, tanto como sua Essência quanto como sua Testemunha – ou é o Eu radicalmente transcendental de toda a realidade condicional.

“Mas o erro de Descartes, como vimos, foi aplicar sua intuição do Eu transcendental ao seu ego racional laranja e, então, supor que seu ego racional ESTAVA SEPARADO do resto do mundo – separado de seu corpo vital, da natureza sensorial e da cultura. Em outras palavras, *ele assumiu que o QSE estava separado dos outros três quadrantes*. Por causa disso, todos os quatro quadrantes agora

apresentam limites e dualismos intratáveis que os separam entre si. Esses dualismos entre os quadrantes são os dualismos cartesianos secundários, que são considerados como sendo o dualismo cartesiano primário, o real, o original, mas que são meras ramificações secundárias (muito importantes em seus próprios termos, mas não primárias).

“O ponto é que há dois olhares monológicos: o primário (que é a imparcialidade radical da Mente de Espelho de todos os objetos, a pura equanimidade da Testemunha vazia, a suprema indiferença do Eu transcendental), que está a ‘meio caminho’ da descoberta do significado supremo. Mas quando essa intuição radical é (mal) aplicada ao eu finito ou ao ego racional, então ela se degenera em um ego racional que se imagina estar separado e pairando sobre o corpo, a natureza e o mundo. Esse olhar monológico é o desastre da modernidade, o lado negativo do Iluminismo, o pesadelo de uma luz racional, muito brilhante, que foi o Iluminismo no Ocidente.

“Portanto, chamemos o olhar monológico do dualismo cartesiano original – o da Testemunha vazia – de ‘translógico’ ao invés de ‘monológico’, porque, estritamente falando, a Testemunha não tem um olhar monológico versus um dialógico, mas sim testemunha ambos com equanimidade. O outro olhar monológico – o verdadeiro problema, que seria o maculado Globo Ocular Monológico do filme de terror de Wes Craven – o filme de terror estrelado tanto pela modernidade quanto pela pós-modernidade – é o que ocorre quando o Eu infinito é esquecido e identificado com o eu finito. Esse eu finito (situado atrás de seus olhos, olhando para o mundo ‘lá fora’) tenta curar essa terrível fratura de várias maneiras, nenhuma das quais cura o dualismo cartesiano original ou primário, nenhuma das quais escapa de *flatland*, embora todas afirmem fazê-lo. Nós delineamos esses vários movimentos que lutam para superar o dualismo, particularmente em suas duas formas dominantes: a teoria de sistemas, onde os domínios interiores (do *eu* e do *nós*) são reduzidos a uma teia dinamicamente entrelaçada de *istos* – sucumbindo assim a *flatland*; e o pós-modernismo pluralista, onde o QIE é abordado com um pluralismo relativista que dá a cada meme um peso igual de ‘extremos irreduzíveis’, impondo assim um pluralismo *flatland* sobre desenvolvimentos genealógicos que, de outra forma, nos afastariam de *flatland* em ondas de crescente cuidado e consciência.

“Assim: (1) se afirmamos que a Teia da Vida é a realidade suprema – e é o próprio espírito (como fazem a teoria de sistemas e os paradigmas espirituais baseados nela), ou (2) se afirmamos que as superfícies exteriores são apenas cadeias de significantes deslizantes, cheios de som e fúria, mas que nada significam (assim como fazem o pós-modernismo e a maioria de seus ramos sancionados, do pluralismo à desconstrução), ou (3) se tentamos honrar a intersubjetividade pluralista do QIE real por meio de um cuidado hermenêutico da ‘pluralidade de extremos espirituais’ (ao invés de traçar a genealogia real de ondas intersubjetivas e, desse modo, escapar das contradições de desempenho de *boomerite* e de um pluralismo *flatland* desprovido de profundidade): em todos esses casos vemos o legado sombrio do Globo Ocular Monológico devorando até mesmo aqueles que alegam tê-lo superado – *nenhum deles é suficientemente forte para tirar você de trás de seus olhos, não é mesmo?*

“Da teoria de sistemas aos paradigmas da Teia da Vida, do novo nascimento em liberdade do *Journal of Transpersonal Psychology* às correntes deslizantes do pluralismo, do ecofeminismo à ecologia profunda celebrando extremos sensoriais, dos sonhos desconstrutivistas franceses, perfumando os corredores da academia, ao contextualismo consumido por suas próprias afirmações autocontraditórias... eis o legado sombrio de uma dissociação que, correta ou erroneamente, sempre foi associada ao nome de René Descartes.

“E assim termina nossa história do mal-estar pós-moderno. Ironia das ironias das ironias: o temido olhar monológico, a marca registrada de *flatland*, o maior pesadelo ímpar decorrente do Iluminismo, o pesadelo que todos afirmaram curar, mas que ninguém identificou de fato: tudo proveio de uma experiência de pico de Purusha, infinito e radiante, mal aplicada ao eu finito, onde Purusha passou a viver desvirtuado em infâmia, jogando seu jogo de esconde-esconde e sussurrando gentilmente a todos que conseguissem ouvi-lo: você sabe Quem EU SOU?”

Apêndice

A Espiral do Desenvolvimento

(Excertos do livro *Psicologia Integral* de Ken Wilber)

Clare Graves foi um dos primeiros (juntamente com James Mark Baldwin, John Dewey e Abraham Maslow) a considerar um esquema desenvolvimentista e mostrar sua extraordinária aplicabilidade em uma ampla gama de atividades, em negócios, no governo, em educação.

O trabalho de Graves foi retomado e ampliado significativamente por Don Beck. *Spiral Dynamics*, escrito com seu colega Christopher Cowan (eles fundaram o *National Values Center*), é uma magistral aplicação de princípios desenvolvimentistas em geral (e de princípios de Graves em particular) para um vasto leque de problemas socioculturais. Longe de serem analistas de escritório, Beck e Cowan participaram das discussões que culminaram com o fim do *apartheid* na África do Sul (e depois prosseguiram, usando os mesmos princípios, montando a estratégia de “corações e mentes” da equipe de *rugby* sul-africana, que venceu a Copa do Mundo de 1995). Os princípios da Espiral do Desenvolvimento foram aplicados frutiferamente para reorganizar negócios, revitalizar comunidades, reformar sistemas educacionais e apagar o estopim de tensões internas em cidades.

A situação na África do Sul é um excelente exemplo de como o conceito de níveis de desenvolvimento (cada um com sua própria visão de mundo, valores e necessidades) pode realmente reduzir, e mesmo suavizar, tensões sociais, e não exacerbá-las. A Espiral do Desenvolvimento vê o desenvolvimento humano segundo oito níveis de consciência ou estruturas profundas: *instintivo* (urobórico), *animista/tribal* (tifônico-mágico), *deuses de poder* (mágico-mítico), *absolutista/religioso* (mítico), *individualista/conquistador* (racional-egoico), *relativista* (visão-lógica inferior), *sistemático/integrativo* (visão-lógica média) e *global/holístico* (visão-lógica superior).⁸ Não são níveis rígidos, mas ondas fluidas que se sobrepõem e se interconectam, resultando em uma teia ou espiral dinâmica do desdobramento da consciência.

A abordagem liberal típica para dissolver tensões sociais é tratar igualmente todos os valores e depois tentar forçar um nivelamento ou redistribuição de recursos (dinheiro, direitos, mercadorias, terras), ao mesmo tempo em que deixa os valores intocados. A abordagem conservadora típica é considerar seus valores particulares e tentar impingí-los a todo mundo. A abordagem desenvolvimentista é reconhecer que há muitos valores e visões-de-mundo diferentes; que uns são mais complexos que outros; que muitos problemas de um nível de desenvolvimento só podem ser minorados pela evolução para um nível mais elevado; e que somente reconhecendo e facilitando essa evolução poderá alcançar-se, finalmente, a justiça social. Mais ainda, reconhecendo que todas as pessoas possuem todos esses níveis potencialmente disponíveis, as linhas de tensão social são redesenhadas: não em termos de cor da pele, classe econômica ou ideologia política, mas sim no *tipo* de visão de mundo no qual a pessoa, grupo de pessoas, clã, tribo, negócio, governo, sistema educacional ou nação está operando. Como ressaltado por Beck, “o foco não é em tipos *de* pessoas, mas em tipos *nas* pessoas”. Isto tira a cor da pele do jogo e focaliza alguns dos verdadeiros fatores subjacentes (valores e visões-de-mundo) que geram as

⁸ Os termos entre parênteses são usados por Wilber. Ver, por exemplo, *Éden: Queda ou Ascensão?* e *O Projeto Atman*. (N.T.)

tensões sociais; foi exatamente essa abordagem que ajudou a dismantelar o *apartheid* na África do Sul.

Beck e Cowan usam vários nomes e cores⁹ para se referir a esses diferentes oito níveis do ser. Mas estes não são simplesmente fases que passam, no desdobramento do eu; são capacidades e estratégias de atuação permanentemente disponíveis que, uma vez emersas, são ativadas conforme as condições de vida apropriadas (e.g. instintos de sobrevivência podem ser ativados em situações de perigo; capacidades de ligação são ativadas em relacionamentos humanos íntimos, e assim por diante).

Os seis primeiros níveis são “níveis de subsistência” marcados pelo “pensamento de primeira camada”.¹⁰ A partir daí, ocorre uma guinada revolucionária na consciência: a emergência dos “níveis do ser” e do “pensamento de segunda camada”.¹¹ A seguir, uma breve descrição das oito ondas, a percentagem da população mundial em cada onda e a percentagem de poder social que cada uma detém.¹²

Níveis de Subsistência (Pensamento de Primeira Camada)

1. Bege: Arcaico-Instintivo¹³

Nível básico de sobrevivência; alimento, água, aquecimento, sexo e segurança são prioritários. Usa hábitos e instintos apenas para sobreviver. A individualidade está no início do despertar e quase não se sustenta. Reúnem-se em *bandos de sobrevivência* para perpetuar a vida.

Onde é encontrado: primeiras sociedades humanas, recém-nascidos, pessoas senis, pessoas em estágio avançado do mal de Alzheimer, moradores de rua mentalmente doentes, massas famintas, pessoas com traumas de guerra.

0,1% da população mundial adulta. 0% de poder.¹⁴

⁹ As cores foram escolhidas de acordo com características pertinentes aos níveis. À medida que forem aparecendo, será informada a razão de sua escolha. (N.T.)

¹⁰ No pensamento de primeira camada, cada nível acha que é o único verdadeiro, que os demais níveis devem ser combatidos e seus seguidores, convencidos das suas “verdades superiores” (proselitismo). (N.T.)

¹¹ O pensamento de segunda camada reconhece e respeita todos os níveis da Espiral. “A Diretriz Fundamental é a saúde da Espiral completa e não o tratamento preferencial para algum nível específico.” (N.T.)

¹² Em notas de rodapé serão apresentados paralelos entre os níveis de Beck e Cowan e as fases de desenvolvimento do ser humano descritas pelo místico cristão contemporâneo Jim Marion no livro *Putting on the mind of Christ*. Jim Marion (J.M.) segue a estrutura básica da obra de Ken Wilber. (N.T.)

¹³ A cor bege lembra as savanas africanas. (N.T.)

¹⁴ A consciência arcaica dos bebês se desenvolve através de dois marcos espirituais essenciais: primeiro, a diferenciação entre o seu próprio corpo e o da mãe; segundo, a posterior diferenciação entre as suas emoções e as da mãe. Princípios espirituais críticos podem ser inferidos dessas duas passagens, princípios que serão aplicados ao longo de todo o caminho espiritual. Por exemplo, cada nível de consciência será menos egocêntrico que o anterior e cada novo nível permitirá que a mente da pessoa fique mais livre da matéria. (J.M.)

2. Púrpura: Mágico-Animista¹⁵

O pensamento é animista; espíritos mágicos, bons e maus, fervilham pela Terra trazendo bênçãos, maldições e encantamentos que determinam os acontecimentos. Reúnem-se em *tribos étnicas*. Os espíritos existem nos antepassados e aglutinam a tribo. Parentesco e linhagem estabelecem os vínculos políticos. Aparenta ser “holístico”, mas na verdade é atomístico: “Há um nome para cada curva do rio, mas nenhum nome para o rio.”

Onde é encontrado: crença em maldições do tipo vodu, juramentos de sangue, ressentimentos antigos, feitiços de boa-sorte, rituais de família, superstições e crenças étnicas mágicas. Forte em comunidades do terceiro-mundo, gangues, equipes esportivas e “tribos” corporativas.

10% da população mundial. 1% de poder.¹⁶

3. Vermelho: Deuses de Poder¹⁷

Primeira emergência do eu distinto da tribo; poderoso, impulsivo, egocêntrico, heroico. Espíritos mágico-míticos, dragões, feras e gente poderosa. Deuses e deusas arquetípicos, seres poderosos, forças com que se pode contar, tanto boas quanto más. Senhores feudais protegem os servos em troca de obediência e trabalho. A base dos *impérios feudais* – poder e glória. O mundo é uma selva cheia de ameaças e de predadores. Conquista, engana e domina; aproveita ao máximo, sem desculpa ou remorso.

Onde é encontrado: “*Terrible twos*”¹⁸, juventude rebelde, mentalidades *borderline*, reinos feudais, heróis épicos, vilões de James Bond, líderes de gangues, soldados mercenários, narcisismo *new-age*, astros de *rock* pesado, Átila o Huno, *Lord of the Flies*¹⁹.

20% da população mundial. 5% de poder.

4. Azul: Regra Conformista²⁰

A vida tem significado, direção e propósito, com eventos determinados por um todo-poderoso Outro ou Ordem. Esta Ordem justa impõe um código de conduta baseado em princípios absolutos e invariáveis de “certo” e “errado”. A violação do código ou das regras apresenta severas, e talvez

¹⁵ Púrpura é a cor dos chefes tribais e dos monarcas. (N.T.)

¹⁶ A consciência mágica é o nível de consciência da criança entre dois e sete anos. O pensamento mágico típico desse nível inclui o mundo “politeísta” de deuses, demônios, fadas e outras criaturas que habitam seu mundo interior. Nesta fase, ela normalmente não é capaz de distinguir entre o conteúdo da sua mente e o mundo exterior. A criança ainda é egocêntrica e acredita que o mundo gira em torno dela. (J.M.)

¹⁷ Vermelho lembra as emoções de sangue quente e o “fogo nos seus olhos”. (N.T.)

¹⁸ “Os Terríveis Dois” – expressão cunhada por Margareth Mahler para “os dois anos da criança”, quando ela começa a formar sua personalidade. (N.T.)

¹⁹ *O Senhor das Moscas*. Provocante romance de William Golding escrito em 1954. O livro descreve em detalhe as horripilantes explorações de um bando de crianças que passam por uma impressionante transição da civilização para a barbárie. Apresenta uma visão pessimista, pretendendo demonstrar que o homem está inerentemente ligado à sociedade e, fora dela, muito provavelmente retornaria à selvageria. (N.T.)

²⁰ A cor azul representa o céu, o paraíso, o crente. (N.T.)

permanentes, repercussões. A obediência ao código gera recompensas para os fiéis. Base das *nações antigas*. Hierarquias sociais rígidas; paternalista; um, e apenas um, modo correto de pensar sobre tudo. Lei e ordem; impulsividade controlada através da culpa; crença concreto-literal e fundamentalista; obediência à regra da Ordem. Frequentemente, a Ordem ou Missão é “religiosa” [no sentido da associação-mítica; Graves e Beck referem-se a isto como o nível “santo/absolutista”], mas pode ser secular ou atea.

Onde é encontrado: América Puritana, China Confucionista, Inglaterra Dickensiana, disciplina de Singapura, códigos de cavalheirismo e de honra, boas-ações caridosas, Fundamentalismo Islâmico, Escoteiros e Bandeirantes, “maioria moralista”, patriotismo.

40% da população mundial. 30% de poder.²¹

5. Laranja: Realização Científica²²

Neste nível, o eu “liberta-se” da “mentalidade de rebanho” do nível azul e procura a verdade e o significado em termos individualistas – hipotético-dedutivos, experimentais, objetivos, mecanicistas, operacionais – “científicos” no sentido típico. O mundo é uma máquina racional bem lubrificada com leis naturais que podem ser aprendidas, controladas e manipuladas visando a interesses próprios. Altamente orientado para a conquista de objetivos; na América, especialmente para ganhos materiais. As leis da ciência regulam a política, a economia e os acontecimentos humanos. O mundo é um tabuleiro de xadrez onde partidas são jogadas e os vencedores conquistam superioridade e privilégios em detrimento dos perdedores. Alianças de mercado; manipulação dos recursos naturais visando a ganhos estratégicos. Base dos *estados corporativos*.

Onde é encontrado: O Iluminismo, *Atlas Shrugged*²³ de Ayn Rand, Wall Street, a Riviera, classe média emergente em todo o mundo, indústria de cosméticos, caça de troféus, colonialismo, a Guerra Fria, indústria da moda, materialismo, autointeresse liberal.

30% da população mundial. 50% de poder.²⁴

²¹ Jim Marion colapsa os níveis vermelho e azul no nível da consciência mítica: “A consciência mítica é o nível de consciência da criança dos sete anos até a adolescência; é o primeiro dos níveis mentais. É a emersão da mente ou ego na consciência da criança. Neste nível, ela acredita que ‘Deus no Céu’, tanto quanto seus pais, pode realizar qualquer tipo de milagre para atender a seus anseios. É um nível conformista, de lei e ordem no qual tudo no mundo provinciano da criança é visto como o ‘verdadeiro’ e o ‘melhor’. A criança aprende a definir-se através de regras e papéis convencionais e sente-se valorizada por seguir essas ‘leis’ e comportar-se adequadamente. Até pouco tempo, o nível mítico de consciência era o nível dominante em todas as religiões ‘universais’, inclusive no Cristianismo.” (N.T.)

²² A cor laranja representa a energia radiante do aço em uma fornalha industrial. (N.T.)

²³ *A Revolta de Atlas*. Romance publicado em 1957. Trata da impressionante história de um homem que diz que pararia o motor do mundo – e o faz. De acordo com pesquisa conjunta da Biblioteca do Congresso e do Clube do Livro, foi considerado o mais influente livro nos EUA, após a Bíblia. (N.T.)

²⁴ A consciência racional, o segundo nível mental, é a consciência dominante da época atual e o nível de consciência mais ou menos alcançado pelo adulto médio da sociedade contemporânea. No mundo de hoje, a passagem da consciência mítica para a racional é a principal tarefa espiritual da adolescência. Os adolescentes encontram sérias dificuldades quando suas denominações cristãs não compreendem essa passagem e, às vezes, tentam mantê-los no nível mítico de compreensão. Há diversos caminhos para auxiliar os jovens a navegar por essa passagem espiritual; por exemplo, ensinando-lhes uma técnica de meditação científica e dando-lhes orientações para prece. (J.M.)

6. Verde: O Eu Sensível²⁵

Comunitário, vínculo humano, sensibilidade ecológica, operação em rede. O espírito humano deve livrar-se da ganância, dos dogmas, das divergências; sentimentos e cuidados substituem a fria racionalidade; acalantar a Terra, Gaia, a vida. Contra hierarquias; estabelece ligações laterais. Eu permeável, eu relacional, interrelacionamento de grupos. Ênfase no diálogo e nos relacionamentos. Base das *comunidades coletivas* (isto é, afiliações, baseadas em sentimentos comuns, escolhidas livremente). Decide através da reconciliação e do consenso (lado negativo: “processamento” interminável e incapacidade de chegar a decisões). Renova a espiritualidade, cria harmonia, enriquece o potencial humano. Fortemente igualitário, anti-hierárquico, valores pluralistas, construção social da realidade, diversidade, multiculturalismo, sistemas relativos de valores; esta visão de mundo é frequentemente denominada de *relativismo pluralista*. Pensamento subjetivo, não-linear; mostra um alto grau de calor humano, sensibilidade e cuidado pela Terra e por todos os seus habitantes.

Onde é encontrado: ecologia profunda, pós-modernismo, idealismo holandês, aconselhamento rogeriano, sistema de saúde canadense, psicologia humanística, teologia da libertação, Conselho Mundial de Igrejas, Greenpeace, direitos dos animais, ecofeminismo, pós-colonialismo, Foucault/Derrida, o politicamente correto, movimentos de diversidade, assuntos de direitos humanos, ecopsicologia.

10% da população mundial. 15% de poder.

Níveis do Ser (Pensamento de Segunda Camada)

7. Amarelo: Integrativo²⁶

A vida é um caleidoscópio de hierarquias naturais (holarquias²⁷), sistemas e formas. Flexibilidade, espontaneidade e funcionalidade têm a máxima prioridade. Diferenças e pluralidades podem ser integradas em fluxos naturais interdependentes. Igualdade é complementada por graus naturais de excelência, onde apropriado. Conhecimento e competência devem substituir posição, poder, status ou grupo. A ordem mundial prevalecente é resultado de diferentes níveis de realidade e dos inevitáveis padrões de movimento para cima e para baixo na Espiral do Desenvolvimento. Boa autoridade facilita a emergência de entidades através dos níveis de crescente complexidade (hierarquia nidiforme).

²⁵ O verde representa as florestas, a consciência ecológica, a política dos verdes. (N.T.)

²⁶ Amarelo representa a energia solar e as tecnologias alternativas. (N.T.)

²⁷ Holarquia é uma hierarquia de hólons (hierarquia natural de crescimento, diferentemente de uma hierarquia humana de poder). Hólons são totalidades em um nível e partes em um nível superior. Como exemplo, consideremos a holarquia do corpo humano: ele é formado por sistemas, que são formados por órgãos, que são formados por tecidos, que são formados por células, que são formadas por moléculas, que são formadas por átomos, que são formados por partículas subatômicas, que são formadas por quarks, e assim por diante. Uma das características básicas de uma holarquia é que cada nível superior transcende, mas inclui os níveis inferiores. Assim, uma holarquia sinaliza a direção da evolução: moléculas contêm átomos, porém átomos não contêm moléculas. (N.T.)

8. Turquesa: Holístico²⁸

Sistema holístico universal, hólons/ondas de energias integrativas; une sentimento e conhecimento [centauro]; múltiplos níveis interconectados em um sistema consciente. Ordem universal, mas em um modo vivo e consciente, não baseado em regras externas (azul) ou ligações de grupo (verde). É possível uma “grande unificação” em teoria e na prática. Algumas vezes envolve a emergência de uma nova espiritualidade como uma teia de toda a existência. O pensamento turquesa usa a Espiral completa; vê múltiplos níveis de interação; detecta harmônicos, as forças místicas e os estados de fluxos que permeiam todas as organizações. ... A Diretriz Fundamental é a saúde da Espiral completa e não o tratamento preferencial para algum nível específico.

Pensamento de segunda camada: 1% da população mundial. 5% de poder.²⁹

Onde é encontrado: com apenas 1% da população no pensamento de segunda camada (e somente 0,1% no nível turquesa), a consciência de segunda camada é relativamente rara, sendo, atualmente, a “ponta de lança” da evolução coletiva da humanidade. Como exemplos, Beck e Cowan mencionam itens como a noosfera de Teilhard de Chardin e o crescimento da psicologia transpessoal, com aumentos na frequência definitivamente ocorrendo – e até mesmo níveis mais elevados em futuro próximo...³⁰

²⁸ Turquesa é a cor dos oceanos e da Terra, quando vistos do espaço. (N.T.)

²⁹ Aqui, mais uma vez, Jim Marion colapsa os níveis verde, amarelo e turquesa (na classificação de Ken Wilber: visão-lógica inferior, visão-lógica média e visão-lógica superior, respectivamente): “A consciência visão-lógica é o mais alto dos três níveis mentais de consciência. É encontrado em grandes artistas, escritores, financistas internacionais, cientistas e filósofos. As principais características da visão-lógica são a identificação do eu com a mente abstrata e a capacidade de pensar através de muitas perspectivas diferentes. A consciência visão-lógica é global no interesse e preocupação por outras pessoas. É capaz de abraçar problemas globais que nenhuma nação ou sociedade tem capacidade para resolver. Por outro lado, a visão-lógica também apresenta seu lado negativo na forma de considerável angústia interior. Cada vez mais, as lideranças de muitos campos estão se movendo para este nível. Entretanto, este movimento social é visto como ameaçador e sofre a oposição de muitos cristãos (fundamentalistas de todas as denominações) cuja consciência ainda se mantém no nível mítico [vermelho e azul].” (N.T.)

³⁰ Beck e Cowan param no último nível pessoal. Entretanto, aceitam o fato de que haja níveis transpessoais (pensamento de terceira camada). (N.T.)